



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA & CIÊNCIA POLÍTICA**

**SANDRA CAPONI**

**MEMORIAL  
DE ATIVIDADE ACADÊMICA**

**APRESENTADO COMO REQUISITO PARCIAL PARA A PROGRESSÃO A  
PROFESSOR TITULAR DE CARREIRA DO MAGISTÉRIO SUPERIOR**

**FLORIANÓPOLIS  
2015**





**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

**PROFA. DRA. SANDRA CAPONI  
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA & CIÊNCIA POLÍTICA**

## **MEMORIAL DE ATIVIDADE ACADÊMICA**

**APRESENTADO COMO REQUISITO PARCIAL PARA A PROGRESSÃO A  
PROFESSOR TITULAR DE CARREIRA DO MAGISTÉRIO SUPERIOR**

### **MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA:**

**PROF. DR. ALBERTO CUPANI (CFH-UFSC // PRESIDENTE)**

**PROF. DR. JAIME BENCHIMOL (COC- FIOCRUZ)**

**PROF. DR. LUIS CASTIEL (ESNP-FIOCRUZ)**

**PROF. DR. PABLO MARICONDA (FFLCH-USP)**

### **EXAMINADA:**

**PROFA. DRA. SANDRA CAPONI**

**FLORIANÓPOLIS SC, / / 2015**



## ÍNDICE

<b>Rupturas e continuidades</b>	1
Variações e Rupturas	2
As Continuidades: os estudos genealógicos	4
Docência e interdisciplina	8
<b>Rosario: onde tudo começou</b>	11
Educar para a liberdade	11
Universidade Nacional de Rosario	13
Rosario era uma festa: o fim da ditadura	16
<b>Viver uma vida diferente</b>	20
A Unicamp	20
Um estudo genealógico sobre o governo dos trabalhadores	23
Um retorno frustrado	26
<b>A saúde em questão</b>	28
Chegando à UFSC	28
Uma problematização histórica da assistência médica	32
<b>Pelas ruas de Paris</b>	37
Paris era uma festa	37
O Instituto de <i>Patologie exotique</i>	40
<b>Voltando a casa: novos desafios</b>	47
A coordenação do Programa em Saúde Coletiva	48
A medicalização dos fatos sociais	54
<b>Saint Mandé e a saída de Saúde Pública</b>	60
Paris, mais uma vez	60
A saída do Departamento de Saúde Pública	63
<b>O retorno a Ciências Humanas</b>	71
O Departamento de Sociologia	71
O NESFHIS e os vínculos institucionais	80



## RUPTURAS E CONTINUIDADES

Construir um Memorial não é o mesmo que organizar um Curriculum vitae. Não se trata de limitar-se a elencar a produção científica realizada, as orientações concluídas ou as aulas ministradas. Deve construir-se uma narrativa onde inevitavelmente se misturam questões pessoais e familiares, com o relato de instancias objetivas e institucionais, aquelas que marcaram minha vida pessoal e minha trajetória acadêmica. De modo que, neste Memorial deverei narrar minha historia acadêmica estabelecendo articulações com esse conjunto de decisões pessoais, lutas, medos, conflitos, ganhos e perdas que foram vivenciados ao longo da minha vida profissional. Para nós, professores universitários, a vida acadêmica e a vida pessoal são duas instancias indissolúvelmente vinculadas. É por motivos acadêmicos que muitos decidem mudar de cidade e outros, como foi nosso caso, de país e de língua.

Em algumas oportunidades deverei falar em terceira pessoa do plural para referir-me a minha pequena família: Gustavo, meu marido e Mauro, meu filho. Ambos foram e são parceiros incansáveis nessa caminhada que nos levou desde Rosário, nossa cidade natal, onde realizamos nossa formação em nível de graduação, a morar primeiro como estudantes de pós-graduação em Campinas (onde nasceu meu filho) e logo como professores em Florianópolis. Nessa longa caminhada existiram muitos desafios, muitas conquistas e momentos de imensa tristeza, sendo a maior dentre elas um fato absolutamente pessoal, a inesperada morte de minha mãe ocorrida no ano 2013.

Ainda que se trate de um fato que nada tem a ver com a vida acadêmica, a morte inesperada de alguém muito querido nos defronta inevitavelmente com nossa própria existência, nos obriga a revisar e avaliar nossos caminhos e escolhas. Não tenho dúvidas de que a tristeza provocada por essa morte levou-me a pensar minha vida profissional de outro modo. Defrontou-me com o fato inevitável da brevidade da vida e me ajudou a pensar na necessidade de pautar minha vida profissional entorno a desafios acadêmicos mais satisfatórios e gratificantes.

## 1. Variações e Rupturas

Na longa trajetória da minha carreira acadêmica, existiram várias mudanças significativas. A primeira mudança significativa foi de Rosário a Campinas, como será detalhado no corpo do Memorial. Uma segunda mudança, sem dúvida tão importante quanto a mudança de idioma e país foi, a transferência interna realizada, após 18 anos de trabalho, do Centro de Ciências da Saúde (CCS) para o Centro de Ciências Humanas (CFH) da UFSC, especificamente, do Departamento de Saúde Pública para o Departamento de Sociologia e Ciências Políticas da mesma instituição. Não foi um processo simples e ficarei sempre muito grata á UFSC por ter-me dado a oportunidade de poder dar continuidade a minha carreira acadêmica em um novo espaço de trabalho. No Departamento de Sociologia existem vínculos muito mais inclusivos e solidários, diferentes daqueles que marcaram os últimos três anos de trabalho no SPB-CCS, onde desenvolvi minha carreira acadêmica desde março de 1997 até maio de 2012, quando, foi efetivada minha transferência.

A pesar dessas grandes mudanças, quando observo minha carreira acadêmica, o que mais me surpreendem, não são as rupturas, mas sim a existência de significativas continuidades. Poderia dizer que minha vida acadêmica esteve sempre perpassada por um interminável diálogo com Michel Foucault. Um diálogo intermediado pela leitura de documentos históricos referidos a questões epistemológicas, sociológicas e históricas vinculadas ao saber médico. Essas questões concentraram minha atenção nas diferentes problemas de pesquisa que foram abordadas nos projetos desenvolvidos ao longo dos anos: a saúde do trabalhador; higiene e pobreza, medicina tropical, degeneração e anormalidade, e atualmente saúde mental.

Assim, e de acordo á estratégia de análise proposta por Foucault, estas pesquisas históricas realizadas em diversos arquivos foram a condição de possibilidade para discutir e analisar questões referidas a nosso presente. Tratou-se, em cada caso, de tentar compreender de que modo foram construídas essas redes discursivas e institucionais que são consideradas hoje hegemônicas no campo do saber médico e psiquiátrico. Foram analisados assim, por exemplo, esses discursos e estratégias biopolíticas que permitiram a aceitação e legitimação de uma perspectiva, hoje hegemônica, para a realização de estudos experimentais com seres humanos, refiro-me ao modo como a o duplo



standard, também conhecido como relativismo moral, foi integrando-se nas declarações universais que regem as pesquisas com seres humanos, tal como ocorreu com as últimas alterações realizadas na Declaração de Helsinque. Outras questões que perpassam as sociedades contemporâneas foram abordadas também em perspectiva histórica, por exemplo: a problemática das raças; a questão do risco e sua vinculação com os discursos epidemiológicos e os dispositivos de segurança; a construção e os critérios de validação utilizados nos Manuais de classificação de doenças mentais; assim como as diferentes estratégias discursivas e institucionais utilizadas no crescente processo de psiquiatrização dos comportamentos próprios da infância.

Em todos esses casos, tentei dialogar não só com os trabalhos de Michel Foucault, mas também com os estudos de autores que continuaram e continuam atualmente com a linha de estudos foucaultianos. Dentre eles vale destacar os trabalhos Didier Fassin, Rolans Gori, Dominique Lecourt, Ian Hacking, Phylippe Pignarre, Jean-Cristophe Coffin, Claude Olivier Doron, Gerard Jorland e François Delaporte. Esses e outros autores serviram de referência para a realização dos diferentes projetos de pesquisas, tanto aqueles realizados individualmente como aqueles que deram lugar as dissertações e teses elaboradas por meus orientandos.

Os estudos foucaultianos deixaram na minha formação a marca da interdisciplinaridade. E essa é a segunda significativa continuidade ou permanência que considero importante destacar na minha trajetória como docente e pesquisadora.

Ainda que tenha realizado minha graduação em Filosofia, na Universidade Nacional de Rosario- Argentina, atualmente me desempenho como professora Associada IV do quadro permanente de docentes do Departamento de Sociologia e Ciências Polícias. No entanto, a partir do ano 2000 (com um breve período de 6 meses sem bolsa) também me desempenho como pesquisadora de CNPq. Em este momento minha bolsa corresponde à categoria PQ-1D, porém, esta bolsa não pertence nem à área de sociologia, nem à área de Filosofia, mas sim à área de História, particularmente à subárea de História das Ciências. Por outra parte, e como já foi dito, por um período de 18 anos trabalhei no Centro de Ciências da Saúde da UFSC, 3 anos como professora visitante no Departamento de Enfermagem e logo 15 anos como professora do quadro permanente do Departamento de Saúde Pública (de 1997 a maio de 2012). Fui

credenciada como Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva desde seu início, no ano 1997, e logo Coordenadora do Programa de Pós-graduação por dois períodos, de desde o ano 2003 até o ano 2007.

Atualmente estou credenciada como professora permanente em dois Programas de Pós-graduação: o Programa de Pós-graduação em Sociologia Política e o Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, além de ser Professora colaboradora no Mestrado Profissional em Saúde Mental. Solicitei descredenciamento do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva no mês de outubro de 2014, quando a última orientanda que ainda ficava nesse programa decidiu trancar matrícula por ter passado um concurso na cidade de Aracajú. Em cada um dos programas nos quais participei, sempre realizei trabalhos de docência e orientação, contando hoje com mais de 30 orientações defendidas (incluindo Teses e Dissertações).

Acredito que a leitura deste Memorial permitirá que se compreendam as razões dessa diversidade de áreas e espaços institucionais com os quais tive e tenho vinculação na UFSC e no CNPq. No entanto, em esta introdução gostaria de esclarecer que esse percurso, algo incomum, precisa ser observado e compreendido situando-o no que poderíamos denominar uma *demarge* derivada da opção teórica pelos estudos foucaultianos.

## **2. As Continuidades: os estudos genealógicos**

Meu propósito ao longo destes anos foi tentar criar espaços de reflexão que permitam *desnaturalizar* as certezas e os universalismos. Para isso resultava indispensável compreender os processos históricos de construção de esses saberes, instituições e estratégias de governo que hoje são apresentadas como verdades às quais se chegou após uma longa história de conquistas.

É desse modo que a medicina acostuma a narrar sua própria história, como uma história de batalhas e guerras, de grandes homens que, do mesmo modo que os soldados que conquistam territórios conquistaram, para o bem da humanidade, novas verdades e certezas de maneira acumulativa, levando ao contínuo progresso do saber. Assim, um conhecimento se deduziria do anterior, reforçando as certezas já conquistadas pelos grandes nomes do passado.

O desafio foucaultiano que sempre aceitei foi criar estratégias genealógicas, isto é, históricas, sociológicas e epistemológicas de análise, que permitam por em evidência as condições discursivas e institucionais que levaram à naturalização dessas verdades. Analisar as condições de emergência, transformação e circulação desses saberes exige um olhar interdisciplinar, ou como diária Foucault, exige fazer um uso filosófico da história. Exige, também, realizar trabalhos de busca, organização e análise de documentos e arquivos, e é nesse marco que se devem inscrever minhas pesquisas realizadas nos Arquivos da Biblioteca de Medicina de Paris, dos Arquivos da Casa Oswaldo Cruz-Fiocruz, os Arquivos do Instituto Pasteur de Paris, ou os Arquivos da Société de Médecine Exotique, que reúne as pesquisas realizadas pelos *pasteurianos de ultra-mar*.

Nessas pesquisas articulam-se questões históricas e epistemológicas, mas também sociológicas. Assim, tomando como exemplo os estudos realizados pelos *pasteurianos de ultra-mar*, a leitura dos documentos evidenciou que não eram utilizados os mesmos procedimentos e protocolos de pesquisa pelos pasteurianos de fins do século XIX e inícios do século XX na Metrópole, quando estudavam doenças como a sífilis ou a tuberculose, que os procedimentos utilizados pelos mesmos pasteurianos nas colônias de ultramar, quando estudavam doenças chamadas “exóticas”, como a doença de sono, o a malária. Esse exemplo permite por em evidência a diversidade de olhares que entram em jogo quando realizamos estudos sobre as condições de produção e a conquista de legitimidades de determinados saberes. Permite evidenciar que não existe produção de conhecimento sem relações de poder, que essas relações de poder não permanecem idênticas. No caso concreto aqui referenciado foi possível diferenciar duas estratégias de pesquisa com protocolos diversos, com intervenções diferentes, com princípios éticos distintos: umas realizadas pelos pesquisadores do Instituto Pasteur em Paris, e outra realizada pelos mesmos pesquisadores nas colônias francesas de ultramar. Existiam assim dois modos de legitimar e construir as pesquisas, uma no interior do laboratório do Instituto Pasteur, situado na Rue du Docteur Roux, e outra nos laboratórios de Ultramar que dependiam desse mesmo Instituto.

Questões históricas e epistemológicas, sem dúvida, mas também questões que exigem um olhar sociológico atento. Pois, estão em jogo ali problemas de Estado, desigualdade entre populações, estratégias de governo e de submissão. Está em jogo, em

fim, um modo peculiar de exercer o poder que possui todas as características de aquilo que Foucault denominou *biopolítica da população*, uma biopolítica que se articula em torno a um eixo definido como “fazer viver e deixar morrer”.

Acredito que voltar para essa história, visitar esses arquivos, ler esses documentos, nos permite compreender um fato que hoje foi banalizado, e que também reclama um olhar sociológico: a existência das chamadas doenças negligenciadas. Doenças como chagas, doença do sono, malária, dentre outras, conhecidas no século XIX como doenças exóticas, das quais conhecemos seus mecanismos de transmissão há mais de 100 anos, ainda não contam com tratamentos ou medicamentos eficazes. Elas integram o imenso grupo das chamadas “doenças negligenciadas”, doenças que afetam a mais da metade da população mundial, a metade mais pobre do planeta, e que não apresentam nenhum interesse econômico para que os laboratórios farmacêuticos invistam em pesquisa, produção de medicamentos, vacinas ou tratamentos eficazes. Pelo menos até o momento em que essas doenças fazem sua aparição nos países desenvolvidos, como ocorre hoje com os casos do Ebola e da Chikungunia.

Esse é um dos muitos exemplos das pesquisas que me ocuparam nestes 20 anos de trabalho na UFSC, as quais serão detalhadas posteriormente neste memorial. Essa mesma perspectiva de estudos já estava presente na realização de minha Tese de Doutorado defendida na UNICAMP em novembro de 1992 com o nome: “Do trabalhador indisciplinado ao homem prescindível”. Existe uma linha de continuidade entre essas pesquisas: todas perseguem um mesmo objetivo, desnaturalizar as evidências e certezas sobre as quais se constroem os saberes e as estratégias de governo referidas às populações necessitadas. Assim, partindo de certas verdades e estratégias consideradas inquestionáveis em nosso presente, trata-se de analisar as condições históricas, sociais e epistemológicas no interior das quais foi possível sua emergência, consolidação e conquista de legitimidade.

Desse modo, é possível entender a diversidade de instituições e áreas que marcaram minha carreira acadêmica até hoje, como efeito inevitável do modo interdisciplinar de produzir conhecimento que caracteriza esse campo teoricamente complexo no qual me situo: os estudos históricos, sociológicos e epistemológicos do saber médico e psiquiátrico. Ao longo de minha trajetória acadêmica foram

desenvolvidas diferentes séries de estudos genealógicos, articulados em torno a uma problemática comum que os unifica.

Não posso dizer, de modo algum, que cada uma dessas séries de estudos foi concluída ou fechada. Sempre ficaram temas por percorrer, documentos e arquivos por revisar, dúvidas e incertezas. Porém, cada uma das pesquisas realizadas logo me abria alguma nova porta a ser explorada. Foi assim que sem pretender fechar as pesquisas em andamento e com a promessa sempre postergada de voltar sobre os arquivos não revisados, foram surgindo novos problemas de pesquisa que me pareciam mais instigantes e desafiadores, novas questões, novos documentos, novos caminhos a percorrer.

Com a finalidade de organizar este Memorial, as diferentes séries de estudos serão agrupadas sobre o nome de “Estudos genealógicos”, sendo cada um deles contextualizado posteriormente no corpo do texto. Esses estudos não respondem necessariamente a um projeto de pesquisa, sendo um nome que utilizarei aqui, em alguns casos, para referir-me a um conjunto de dois ou mais projetos de pesquisa desenvolvidos em períodos sucessivos. Os projetos de pesquisa financiados por CNPq ou Capes deram o marco institucional no qual se inscrevem cada um dos estudos genealógicos realizados, aqui articulados em torno a um tema central. Essas séries de estudo permitem organizar a produção científica –publicações em periódicos, livros e capítulos de livro, incluindo os trabalhos em coautoria– que resultou de cada um desses percursos acadêmicos.

Ao longo do Memorial essas séries de estudos serão apresentadas como:

**Estudos genealógicos I: os processos de subjetivação no mundo do trabalho.**

**Estudos genealógicos II: uma problematização histórica da assistência médica.**

**Estudos genealógicos III: higiene e medicina tropical.**

**Estudos genealógicos IV: a medicalização dos fatos sociais.**

**Estudos genealógicos V: o conceito de degeneração e as classificações psiquiátricas.**

**Estudos genealógicos VI: biopolítica, história da psiquiatria e psiquiatrização da infância.**

## 2. Docência e interdisciplina

A interdisciplinaridade que caracteriza meu trabalho não se restringe aos projetos de pesquisa realizados até o momento. Em estes anos todos, sempre tive o objetivo prioritário de desenvolver de modo satisfatório meu trabalho de docência, integrando do melhor modo possível a docência e a pesquisa.

Assumi como desafio iniludível a formação de profissionais reflexivos e críticos, capazes de entender que o processo de produção de conhecimentos exige muito mais que a aprendizagem de fórmulas ou o correto preenchimento de um gabarito. Tentei encorajar a meus alunos para que eles possam ter o distanciamento crítico suficiente como para reconhecer, avaliar e analisar as relações de poder que perpassam e constituem certos saberes. Ao mesmo tempo, acredito que, para que essa perspectiva crítica possa ser considerada válida, é necessário estabelecer com os alunos, tanto de graduação como de pós-graduação vínculos de confiança e de mútuo respeito. Considero que, como afirma Canguilhem, “o objetivo último do médico, assim como do educador, é tornar sua função inútil”.

Sempre tentei, e muitas vezes, devo reconhecer, com pouco sucesso, fazer que meus alunos descubram que existem poucas atividades no mundo capazes de ser mais prazerosas e mais genuinamente humanas que o esforço realizado na difícil tarefa de pensar por nós mesmos, de andar com nossos próprios pés, ou como diria Kant de sair da minoridade. Pois é nesse momento, quando os alunos são capazes de ter um distanciamento crítico e reflexivo em relação a seu presente (o que muitas vezes só é possível conhecendo o passado) que poderão surgir novos caminhos de pesquisa, novas hipóteses de trabalho, novos modos de defrontar-se com o mundo. Então, o objetivo de Canguilhem terá sido atingido, nesse momento poderei dizer que minha função se tornou inútil. E, devo dizer, que esse é um sentimento muito particular que já tive e que tenho a dita de ter, quando meus alunos, ex-orientandos ou não, se transformam em meus colegas e em parceiros de pesquisa.

Acredito que as instituições de ensino e pesquisa desconsideram essa potencialidade que nós, professores, temos em nossas mãos. A obsessiva exigência de produção de *papers*, fundamentalmente no campo das ciências biomédicas, mas também

no campo das ciências sociais, particularmente no campo da psicologia, tem levado a adotar atitudes que considero contrárias aos genuínos objetivos dos professores universitários. Entendo que estimular o pensamento reflexivo e crítico entre nossos alunos é o único modo de produzir, não somente inovações tecno-científicas, mas também essas transformações sociais que cada dia parecem ser mais urgentes e necessárias.

Vejo, pelo contrario, com certa tristeza que é cada vez maior o estímulo á competência estritamente técnica no campo das ciências biomédicas, tendo sido esse um dos motivos que me levaram a solicitar transferência do Centro de ciências da saúde para o CFH. No Núcleo de pesquisa em *Sociologia, filosofia e história das ciências da Saúde* que atualmente coordeno, tentamos criar um espaço de permanente aprendizagem e interação entre os alunos. Na medida em que existe um grupo muito heterogêneo de psicólogos, sociólogos, médicos, farmacêuticos e historiadores, todos, incluída eu, consideramos um privilegio essa troca e sabemos que temos muito que aprender uns dos outros.

Para finalizar esta breve apresentação gostaria de manifestar minha perplexidade perante os inúmeros recursos que o governo destina hoje a programas como Ciência sem Fronteiras, dos quais as ciências humanas foram excluídas. Em muitos casos esses recursos acabam transformando-se em um mero auxílio para turismo de adolescentes, em outros casos quando os recursos são efetivamente bem utilizados, fica clara a opção por investir exclusivamente em reprodução de tecnologia. Entendo, pelo contrario, que só será possível pensar em inovações tecnológicas de qualidade quando tenhamos alunos capazes de estabelecer vínculos reflexivos e críticos com o conhecimento. Quando tenhamos investimentos sólidos e contínuos na capacitação de professores que não se limitem à repetição de descobertas, mas que sejam capazes de apresentar sólidos questionamentos e argumentos bem fundamentados sobre os limites e dificuldades inerentes á produção da ciência normal.

Acredito que urge tanto no Brasil quanto na América Latina e no mundo, parar para pensar de que modo estão sendo formados nossos docentes e pesquisadores. Lamentavelmente, na minha longa trajetória como professora me deparei muitas vezes com alunos cujo único objetivo e desafio era conhecer e acumular destrezas, como por

exemplo, comprar e aprender a utilizar o último sistema de análise de dados quantitativos ou qualitativos. Isto, com a finalidade de agilizar a produção de resultados para produzir *papers* que sejam publicáveis em revistas de impacto, ainda que todo esse processo ocorra sem o menor questionamento sobre o valor, a utilidade, ou o significado dos dados que serão obtidos com essa tecnologia.

Devemos assumir coletivamente o desafio de criar estratégias para formar profissionais críticos e reflexivos, capazes de analisar as condições epistemológicas e históricas de produção, circulação, validação e legitimação dos conhecimentos científicos e tecnológicos. Profissionais que, ao mesmo tempo, sejam capazes de observar, como verdadeiros sociólogos ou antropólogos, o marco institucional, econômico e social de produção dos saberes, conhecendo as relações de poder sobre as quais se sustentam, compreendendo os fracassos, as conquistas e as limitações que caracterizaram aos diferentes saberes ao longo de sua história.

Em esse marco gostaria de justificar o próximo apartado “Rosario, onde tudo começou”. Gostaria de destacar ali a importância que tiveram na minha trajetória acadêmica, alguns docentes que tive a sorte de encontrar pelo caminho da vida. Permito-me fazer aqui um relato muito pessoal sobre uma Rosario que provavelmente já não existe, pequenos momentos e lembranças que hoje vejo como condição de possibilidade das escolhas acadêmicas posteriormente realizadas.

...



## ROSARIO: ONDE TUDO COMEÇOU

### 1. Educar para a liberdade

Foucault dizia que “A filosofia é o exercício do pensamento sobre o próprio pensamento. Um esforço para pensar diferente de como pensamos”. Muito antes de conhecer a Foucault, muito antes de saber que ele existia, muito antes também de saber que a filosofia existia como um espaço de saber institucional, fiquei maravilhada perante a constatação de que eu tinha a capacidade de pensar por mi mesma.

Essa verdadeira descoberta é algo que devo a uma professora de ensino Fundamental, a professora Alicia Strasser. Ela chegava com seus mapas coloridos embaixo do braço, umas fotografias, e nos convidava a viajar e a pensar. Ela falava de uma “geografia razoada”. Ela apresentava a geografia física, os rios, as montanhas, o clima e nos convidava a deduzir qual seria a produção desse povo, onde localizariam suas cidades, onde estariam centralizadas a riquezas, quais seriam as regiões mais pobres, e quais as mais ricas. Tratava-se, em fim, de tentar argumentar, a partir de certos dados geográficos, físicos, estatísticos, econômicos e históricos, quais seriam os desafios e dificuldades que determinada região deveria superar e de que modo poderia fazê-lo. Sempre achei que nessas aulas de geografia ocorreu meu primeiro encontro com a filosofia.

Na minha infância existiu outra figura determinante, a de Mr. Peter, o senhor Pedro Di Pentima, diretor do colégio onde estudei dos 5 até os 18 anos de idade. Ele era uma pessoa peculiar, extremamente calmo e gentil, e nunca conheci nenhuma pessoa que não gostara dele. Mr. Peter logrou fazer do colégio, onde ficávamos nove horas diárias, um espaço que além de ser agradável e divertido, tinha todas as marcas do que hoje descubro ser uma apropriação bastante peculiar de uma pedagogia libertadora. Existiam regras muito bem definidas, normas referidas á vestimenta, ao modo de comer, à disciplina, que não eram nada foucaultianas, porem isso no era considerado o mais importante.

O que parecia interessar a Mr. Peter era outra liberdade, a liberdade de pensamento e de expressão, ele nos fazia sentir que era nossa tarefa entender, avaliar e

decidir sobre as mais diversas questões, desde as mais banais até as mais complexas. Instigava-nos a parar para pensar, a tentar construir argumentos que nos permitam compreender o mundo, inclusive aqueles fatos incríveis ou injustificáveis. Lembro, por exemplo, com absoluta clareza como Mr. Peter nos apresentou um triste fato que marcou minha infância: o assassinato, no ano 1968 do Premio Nobel da Paz Martin Luther King.

Educar para a liberdade. Mais tarde eu iria a reencontrar essas mesmas ideias em Kant, no que ele denominou a divisa do Iluminismo: “*Sapere Aude*, deves ser capaz de servir-te de teu próprio entendimento”. Mas se a escola era o lugar onde a liberdade de pensamento e o diálogo argumentativo eram estimulados e aceitos – pelo menos até o golpe militar de 1976, que chegou para entristecer e mudar a vida de todos– o espaço exterior á escola, inclusive minha própria casa, parecia ter outras regras. Fora da escola não parecia ser muito importante estimular o exercício do pensamento, primavam relações baseadas em outra lógica: a lógica da autoridade e a obediência. Não pensar, mas sim mandar e obedecer.

Parecia-me bastante evidente que ninguém achava tão divertido, como era para mim, esta ideia de brincar com o pensamento e construir argumentos. Tratava-se de aceitar mandados externos que não podiam ser questionadas. Essa era uma lógica que não só se utilizava em relação ás crianças, mas que – para mim parecia claro – também fazia parte da existência dos adultos. Em alguns casos primavam os mandados religiosos, certas coisas podiam ser feitas porque Deus assim o queria, outras não deviam ser feitas porque se consideravam pecaminosas. Lembro longas discussões tentando inutilmente argumentar com minhas amigas que elas não precisavam obedecer cegamente, que podiam se opor a esses mandados.

Na minha casa primava também a lógica de ordem- obediência, mas aqui os mandados religiosos eram substituídos pelo senso comum, a grande figura omnipresente era o “um” de Heidegger. Desse modo a roupa devia ser escolhida pelo que “é” usado por todos, as leituras pelo que “é” lido por todos e os mandados deviam ser aceitos simplesmente porque assim “é”. Era estranho para uma criança de 10 ou 12 anos conviver entre esses dois mundos, o mundo do dialogo e a maioria na escola, e a demanda de obediência cega na casa. Kant, muito mais tarde me explicará que não é

nada simples ser maior de idade e que muitas das pessoas que me rodeavam fora da escola preferiam a comodidade da minoridade. Pois, como afirma Kant: “se eu tiver um livro (uma revista ou um programa de TV) que pensa por mim, um pastor que substituiu a minha consciência, um médico que julga sobre a minha dieta, e assim por diante, não precisarei do esforço próprio. Com só pagar, não terei necessidade de pensar: outro tomará meu lugar nessa cansativa tarefa”.

Nesse marco eu devo situar uma das frases que eu mais escutei na minha infância (fora, claro, do espaço de liberdade criado na escola) “Você não tem que pensar, tem que obedecer”. Poucos anos depois foi esse, lamentavelmente, o discurso que se apoderou de tudo e de todos, inclusive de meu colégio, a partir da longa noite de oito anos que teve início no dia 24 de março de 1976 com o golpe militar de Jorge Rafael Videla. Uma noite que se prolongou até o dia 30 de outubro de 1983. Os dois últimos anos do ensino médio se transformaram em um peso insuportavelmente tedioso, novos professores, muitos homens de paletó com estratégias pedagógicas inacreditavelmente autoritárias para aquilo ao qual nós estávamos acostumados. Agora se tratava de obedecer, também na escola. Tudo se reduzia a decorar conteúdos, a responder provas com pegadinhas e múltiplas escolhas, a repetir sem pensar, e eu odiava tudo isso.

## **2.A Universidade Nacional de Rosario**

Ingressar na Universidade nesse clima não era muito estimulante. Eu queria ser socióloga, mas essa carreira tinha sido fechada pelo governo militar, igual que a carreira de antropologia. Eu devia escolher entre letras, filosofia ou história. Minha escolha foi pela filosofia e jamais me arrependi de isso. Foi uma escolha verdadeiramente feliz, ainda que nada do que ocorria no antigo prédio da Faculdade de Filosofia e Letras de Rosario parecia ser muito feliz ou promissório.

Era um espaço obscuro, silencioso, com morcegos pela noite. Só nos dias de muita umidade voltava ali a vida e o passado se revelava nos muros desse ex-convento. A umidade deixava ver por traz de uma espessa camada de pintura verde claro (uma cor que os militares amam, nunca entendi porque) os cartazes que muitos anos antes tinham sido colados nas paredes e as inscrições pintadas por diferentes agrupamentos políticos que já não existiam. A umidade deixava que se colasse o passado e a vida, nesse lugar de

silencio e de morte. Será por isso que eu amava e amo até hoje os dias com muita umidade....

No meio desse silencio assustador, e uma vez que passávamos pela porta de entrada onde um sujeito da policia pedia nossos documentos, olhava nossa cara, verificava se estávamos na “lista” e logo permitia nosso ingresso, havia sim algo de vida, estava a filosofia, estavam os livros de filosofia, pelo menos aqueles que não estavam proibidos. Ainda que de um modo bastante restrito, esse era um espaço onde podia aparecer, aqui ou ali, o desafio da argumentação e do pensamento. Tínhamos professores incrivelmente desmotivados, nunca entendi porque razão eles tinham decidido entrar para a docência. Muitas eram aulas tediosas, sem desafios, tão monótonas quanto uma aula de contabilidade, independentemente de estar falando de Kant, de Hegel ou de Santo Agostino. O tom geral que predominava era o pensamento aristotélico- tomista. Devi aprender e estudar coisas completamente absurdas e bastante ridículas, como o mundo dos querubins e os serafins (seres que habitam no mundo supra-terrenal, o mundo dos ditos “anjos”), mas também me permitiu compreender, nas aulas do Professor Echauri, a distinção entre a matéria e a forma aristotélica e ter os primeiros contatos com os escritos de Aristóteles.

Não é difícil entender porque razão, a pesar desse lúgubre cenário, foi ali que me apaixonei pela filosofia, uma carreira que tinha escolhido quase por acaso. Ali eu teria aulas com alguém que ainda hoje, mais de 30 anos depois, e tendo conhecido excelente professores na Unicamp, USP, Fiocruz, UFSC, Colômbia, Paris e Espanha, continuo considerando como o melhor professor que já tive oportunidade de ouvir: o Professor Rubén Vasconi.

Foi com ele que eu tive minha primeira aula de filosofia na Universidade, na disciplina Introdução á Filosofia, também, e por um feliz acaso, ele seria nosso professor na disciplina Filosofia Antiga. Suas aulas de Platão, Descartes, Hume e Kant ficaram para sempre gravadas na minha memória, escuta-lo significava para mim uma recuperação do passado, uma reiteração do convite que há muitos anos tinham feito (pelo menos era desse modo que o havia entendido) Alicia Strasser e Mr. Peter. Um convite que pode ser traduzido kantianamente como: “tem o valor de servir-te de teu próprio entendimento”.

Desse período obscuro e triste da história Argentina e de minha própria história o nome de Vasconi é a única coisa da vida acadêmica que tenho associada com as ideias de esperança, diversão e prazer. Lembro que saindo de uma de suas aulas eu pensei que então estudar filosofia era ainda mais divertido do que ir ao cinema. E eu realmente sempre fui e ainda sou apaixonada por cinema. Em essas aulas existia um silêncio absoluto apesar de que era uma turma enorme, todos escutavam maravilhados as histórias que ele tinha para contar, tentando responder às várias perguntas que dirigia à plateia, num esforço pedagógico de levar-nos a descobrir por nós mesmos o caminho da argumentação. Eu achava esse exercício fascinante e imaginava, com absoluta ingenuidade, que essas maravilhas se repetiriam nas diferentes disciplinas.

Nada de isso ocorreu, excetuando algumas poucas aulas da Professora Rosa Maria Ravera e do Professor Echauri, aquilo era mesmo a noite mais obscura. É verdade que também encontrei ali grandes amigos que tenho até hoje, se iniciou ali uma excelente amizade fundamentalmente com Nora Grigoleit, mas também com colegas como Raúl Burgos, Alberto Giordano, Oswaldo Iaseta e Adriana Chiroleu (que estavam nesse momento no Departamento de Ciências Políticas). Porém até entre os alunos existia um clima de opressão e vigilância, alguns fundamentalistas católicos achavam que a simples tarefa de pensar era algo perigoso, algo assim como tentar o demônio. Lembro a um desses colegas repetindo incansavelmente “vivam de acordo ao relativo”.

Alem do obscurantismo religioso existia o obscurantismo político e era quase um segredo dito em alta voz que existiam policiais entre os alunos encarregados de realizar tarefas de inteligência, eu diria melhor de falta de inteligência, para detectar supostas ações subversivas entre os estudantes.

Alguma coisa devia ser feita para não morrer de tédio, então iniciamos junto com Gustavo, com a Prof. Nora Grigoleit, e com alguns outros colegas a procura de cursos fora da Universidade. Chamavam-se “grupos de estudo”, eram pagos, mas não eram muito caros, um grupo de estudantes se reunia com algum professor de aqueles que a ditadura tinha deixado fora da Universidade para discutir e debater textos. Então apareceram na minha vida os textos de Alexandre Koyré, não tenho certeza, mas acho que foi também nesses grupos que liamos *A estrutura das revoluções científicas* de Thomas Kuhn, *A pergunta pela coisa* de Heidegger, *A gramatologia* de Derrida, além de

vários outros textos. Esses grupos foram ministrados com mais ou menos êxito por Juan Ritvo, e com muito pouco, eu diria quase nenhum êxito, por outro professor com quem também realizávamos um “grupo de estudos”.

Esse espaço que deveria ter sido de discussão e leitura de textos filosóficos acabou transformando-se num diálogo entre filosofia e psicanálises, que se limitava a alguma monótona exposição de textos de Lacan. Um autor que, até hoje, continua sendo para mim um grande mistério, e um grande enigma que posteriormente desisti de decifrar. Além desses grupos, Gustavo e eu, tínhamos contatado uma aluna que vendia livros de Marx, Engels e Lênin, eram livros de uma coleção da biblioteca socialista, que estavam nesse momento absolutamente proibidos.

Após nossas aulas organizávamos encontros para ler e discutir vários desses livros, *O Manifesto Comunista*, claro, mas também as *Onze teses sobre Feuerbach*, *As lutas de classe em França* o *Anti-Düring*, dentre outros. Sem dúvida o impacto que essas leituras tiveram em nossas vidas foi imenso, ainda mais quando comparávamos a riqueza desses textos com a falta de reflexão e o dogmatismo religioso que primava nas salas de aula da Universidade. No meu caso concreto essas leituras seriam, mais tarde, determinantes para a escolha do tema da minha tese de doutorado, defendida na Unicamp em 1992. E foi também dessas leituras que surgiu minha primeira publicação, um trabalho completo publicado em anais de evento:

**CAPONI, S.** Em torno a uma polémica postergada: Foucault y el marxismo: In: X Jornadas Nacionales de Filosofía de la Universidad Nacional de Córdoba. Vaquerias, Córdoba, 1986.

### **3. Rosario era uma festa: O fim da ditadura**

No ano 1982 já se podia sentir no ar novos ventos de liberdade, tudo indicava que a ditadura estava caindo aos pedaços e o esforço delirante do alcoólatra Galtieri por manter o poder com a Guerra de Malvinas tinha se revelado como uma jogada muito infeliz para eles. De fato esses anos incluindo o dia 10 de dezembro de 1983, dia da restituição da democracia com a assunção á presidência de Raúl Alfonsín, foram uma verdadeira festa...

Foram anos de muita esperança e efervescência política dentro e fora da Universidade. O objetivo mais importante estava claro para todos: a restituição do sistema democrático no país. Mas, também seria necessário pensar em mudar a estrutura obscurantista e autoritária que primava na Universidade, excetuando as honrosas exceções já apontadas. Foi então que entrei em contato por primeira vez com membros da agrupação denominada *Asamblea Permanente por los Derechos Humanos* e descobri até que ponto tinha sido ignorante e alheia aos fatos atrozés que vinham acontecendo desde o ano 1976.

Mas a festa não durou muito tempo. No final do ano 1983 assumiu Raúl Alfonsín a presidência de Argentina. Todas as esperanças estavam postas nas mudanças que se sucederiam a partir desse momento. Foi então que descobrimos que o programa do novo governo para transformar as universidades de fato não existia, tratava-se de improvisar um novo modo de organizar a universidade. Parecia que, simplesmente, se tentariam substituir as autoridades da ditadura por novas autoridades, agora democráticas, porem sem nenhum tipo de lineamento político ou acadêmico geral. Foi em esse contexto que Gustavo, eu e outros alunos que tínhamos feito a campanha para Alfonsín, fomos convocados para decidir o destino da Faculdade de Filosofia e Letras de Rosário. Deviam ser definidas as novas autoridades, quem seriam os novos professores, que professores antigos deveriam sair e que professores poderiam ficar. Logicamente o resultado dessa ação foi desastroso. Nós tínhamos nesse momento 23 anos, uma soberba indescritível e uma ignorância ainda maior sobre as estratégias de gestão da Universidade.

Lembro hoje desse período como sendo o momento em que cometi (sentimento que compartilhamos com Gustavo) as piores burrices da minha vida. Convocamos aos professores que tinham sido excluídos da Universidade pela ditadura, muitos deles continuaram ganhando suas vidas em cursinhos pré-vestibular – o vestibular existiu em Argentina até os anos 80 – e decidimos os destinos de aqueles que tinham infernizado nossa existência nos anos de estudantes. É obvio que tudo isso foi feito com o descaso, a soberba e a ignorância própria de um pequeno grupo de meninos de 22 ou 23 anos que, de uma hora para a outra, encontravam-se com um poder quase absoluto para tomar decisões tanto sobre a vida acadêmica dos professores, como sobre a gestão institucional. Uma vergonha que me acompanha até hoje.

O que se derivou de ali foi uma inevitável sucessão de fracassos. Os professores que ingressaram por nossa mediação conseguiam o prodígio de ser ainda piores que os professores da ditadura aos quais deviam substituir. Fazia muito tempo que eles tinham fechado os livros e a vontade de pensar, possivelmente por um simples mecanismo de sobrevivência na época da ditadura. Foi nesse clima que iniciei minha carreira docente após minha formatura como Licenciada e Professora de Filosofia no ano 1984. Nesse momento a Diretora do Departamento de Filosofia, que tinha sido escolhida por nós, chamava-se Esther Kobila.

Esther era uma Professora com uma excelente formação acadêmica, leitora de Koyre, Bachelard, Canguilhem e Foucault. Foi com ela que comecei, pouco a pouco, a ler os textos de Canguilhem e Foucault, autores de referencia que me acompanharam ao longo de mi carreira acadêmica. Ela era extremamente simpática e gentil e nos transformamos rapidamente em boas amigas, a pesar da diferença de idade. Esther era muito confrontadora em sua gestão, contava com o apoio de alunos e de alguns poucos colegas, mas a maior parte dos professores tinha em relação a ela uma atitude muito hostil. Isso implicava brigas intermináveis em assembleias que se apresentavam como “deliberativas e resolutivas”. Assim, o nome das disciplinas, os currículos acadêmicos, o nome dos professores, qualquer coisa podia ser resolvido em assembleias “inter-claustro”, assembleias onde professores e alunos tinham paridade de voto. De mais está dizer que as decisões que se produziam em esse clima de hostilidade eram bastante confusas e que contribuíram muito pouco para criar um clima acadêmico de respeito e seriedade.

Trabalhei por três longos anos como “chefe de trabalhos práticos”, algo equivalente a um Professor assistente, no Departamento de Filosofia da Universidade Nacional de Rosário. O clima não era agradável, os alunos estavam furiosos com muitos dos novos professores e agora eles podiam reclamar e reivindicar um destino melhor. Eu nunca tive problemas com os alunos, mas não foi fácil administrar uma turma de mais de 50 alunos. Ao mesmo tempo ganhei minha primeira bolsa de pesquisa no CIURN (Centro de pesquisa da Universidade Nacional de Rosario). Essa bolsa significava uma complementação salarial significativa para o magro salário que ganhava como professora.



Posteriormente ganhei uma segunda bolsa do CONICET (Centro Nacional de Ciência e Tecnologia). Obter as informações para essa bolsa não foi nada fácil. Argentina era, e é te hoje, um país absolutamente centralizado. Todo ocorre em Buenos Aires, e em aqueles anos onde a internet no existia e os telefones quase nunca funcionavam, para obter certas informações sobre Editais de Bolsa, seja para a própria Argentina ou para o exterior, era necessário deslocar-se até Buenos Aires. Isso significava uma viagem de quatro horas de ônibus de ida (Rosário- Buenos Aires) para olhar um cartaz pendurado numa parede do Conicet ou da Universidade e mais quatro horas de retorno (Buenos Aires-Rosario).

As bolsas de pesquisa exigiam a realização de relatórios que pontualmente escrevíamos (Gustavo também tinha bolsa) tendo a certeza absoluta de que nunca ninguém leria essas paginas. Um amigo nosso que tinha ficado exilado no México, quando viu todo esse trabalho concentrado em grandes volumes encadernados em cartolina de cor vermelha, falou que nós estávamos, simplesmente, perdendo nosso tempo. Ele nos explicou que essa energia poderia ser muito melhor aproveitada realizando um Mestrado ou um Doutorado.

Essa era uma possibilidade inexistente em Argentina, então seria necessário pensar em sair do país para poder realizar estudos em nível de Pós-graduação. Foi em esse momento que escutei por primeira vez a expressão Programa de Pós-graduação, e que entendi o que eram os Mestrados e os Doutorados. Florencio Rodriguez, assim se chamava este amigo, falou das Universidades mexicanas e brasileiras, falou da USP e do que ele descreveu como uma pequena cidade que ficava junto a uma grande Universidade chamada UNICAMP. Evidentemente Florencio não conhecia a cidade de Campinas, enorme e assustadora para um rosarino, mas sabia muito bem do que falava quando se referia à UNICAMP.

...

## VIVER UMA VIDA DIFERENTE

### 1. A UNICAMP

Após uma viagem que Gustavo realizou com a finalidade de explorar as possibilidades existentes para realizar uma pós-graduação em diferentes universidades de Brasil, e depois de avaliar os prós e contras de cada uma, decidimos tentar sorte e fazer a seleção para o mestrado na UNICAMP. Não como alunos estrangeiros, pois isso significaria uma série de entraves burocráticos e de negociações em Argentina, mas competindo no Brasil com estudantes brasileiros.

Ali nossa trajetória acadêmica tomaria um novo rumo. Mas é muito mais do que isso, eu sinto que essa eleição aparentemente banal, de definir o local onde dois meninos fariam sua pós-graduação mudou completamente o rumo de nossas vidas. Em Campinas, por continuar com a metáfora kantiana, finalmente saímos do estado de minoridade, atingimos autonomia e nos defrontamos com Professores dos quais tínhamos muito para aprender. Descobrimos que a arrogância é o caminho mais curto para consolidar um estado de permanente ignorância e que se queríamos aproveitar o que ali se oferecia, deveríamos esquecer todas as experiências acadêmicas passadas. Já não éramos os jovens professores dispostos a comprar todas as brigas, agora se tratava de tentar aproveitar tudo o que a Unicamp tinha para dar, certamente muito mais do que podíamos ter sonhado.

O segundo fato pelo qual considero que nosso passo pela Unicamp nos levou a viver uma vida diferente foi o nascimento de nosso filho, Mauro, no dia 15 de dezembro de 1988 na maternidade Campinas. Nesse momento eu estava realizando meu mestrado na UNICAMP sob a orientação do Professor Orlandi. A gravidez e o nascimento de Mauro, meu único filho, foi vivenciado como um verdadeiro presente. Ele era muito doce, tranquilo e bonito e enquanto ele ficava brincando eu conseguia, com a ajuda de Gustavo, fechar minhas leituras e avançar na redação de minha dissertação. No mês de dezembro de 1989 defendi a dissertação denominada *O Interesse pelos Sujeitos: a interrogação filosófica na obra de Michel Foucault*, quando Mauro ainda não tinha um

ano de idade. Poucos meses mais tarde, em março de 1990, assumiria o Presidente Collor de Mello e com ele se desbarataria toda a estrutura que tínhamos montado para organizar nossa pequena família.

Pouco depois de assumir, Collor cortaria as bolsas de mestrado e doutorado por um longo período. As coisas no Brasil se complicaram muito. As bolsas perderam valor, e a regulamentação da constituição de 1988 levou a impedir que os estrangeiros prestassem concurso nas universidades públicas. Todos nossos planos se complicavam. Não podíamos seguir assim, e tivemos que reordenar toda nossa vida. Estabelecemo-nos novamente em Rosário. Ali, com a ajuda familiar, fundamentalmente da minha irmã Susette, ela tinha um jardim maternal que Mauro frequentava, encontramos melhores condições para cuidar de nosso filho e para trabalhar nas teses. Viajávamos periodicamente a Campinas para manter contato com nossos orientadores, e utilizar as magníficas bibliotecas da *Unicamp*.

O Professor Orlandi merece um parágrafo a parte. Além de sua competência acadêmica e de suas magníficas aulas ele era (e é) uma pessoa muito especial, dedicado, atencioso, muito calmo na hora de colocar suas observações e críticas. Ele lia com muita atenção e interesse meus escritos, era realmente um excelente leitor além de ser um ótimo orientador. A escolha dos temas foi sempre minha, tanto no Doutorado quanto no Mestrado, ele nunca influenciou para que eu escolhesse certos temas ou desconsiderasse outros. Seu autor de referência era Deleuze, mas aceitou de bom grado que meu trabalho se centrara em Foucault.

No Mestrado uma única exigência foi posta. Se eu desejava trabalhar com Foucault, então deveria escolher um tema clássico de discussão filosófica. Após duas ou três reuniões de orientação, finalmente foi escolhido o tema da dissertação e o título. Chamar-se-ia: *O Interesse pelos Sujeitos: a interrogação filosófica na obra de Michel Foucault*. Tratava-se de discutir um tema clássico da filosofia como é a problemática do “sujeito” a partir da perspectiva de análise proposta por Foucault nos textos que nesse momento estavam a disposição. Isto ocorreu muito antes da publicação dos quatro volumes dos *Ditos e Escritos*, e muitíssimo antes que pensássemos na possibilidade de contar com a publicação dos mais de dez Cursos ministrados por Foucault no College de France, onde trabalhou como professor desde 1975 até sua morte.

Vinculados direta ou indiretamente com a Dissertação de Mestrado surgiram algumas poucas publicações, destaco aqui dois capítulos de livro:

**CAPONI, S.** Igualdad y Desigualdad en los tiempos de la Venus Hotentote  
In: Estudios Histórico Epistemológicos ed. ROSARIO (ARGENTINA) :  
UNIVERSIDAD NACIONAL DE ROSARIO, 1994, v.8, p. 51-56.

**CAPONI, S.** Políticas de Subjetivación: una cuestión foucaultiana In:  
Estudios Histórico Epistemológicos ed. Rosario : Ed. de la Universidade  
Nacional de Rosario, 1994, v.7

O período de realização do Mestrado foi um momento de grandes novidades, os cursos, tanto os obrigatórios quanto os optativos eram excelentes e tive a sorte de ter professores maravilhosos como Fausto Castilho com quem estudamos Hegel, João Quartim de Moraes, com quem estudamos Marx, Roberto Romano que deu belíssimas aulas sobre Rousseau partindo da leitura de Jean Starobinski em seu livro *A transparência e o obstáculo*, Luis Roberto Monzani ministrou aulas excelentes sobre Quesnay e os fisiocratas, Zeljco Loparic sobre Freud e Orlandi sobre Deleuze. Eu achava tudo aquilo maravilhoso, tinha alguns colegas de turma que continuam sendo meus amigos até hoje, particularmente Helio Rebello Cardoso Junior, um dos melhores especialistas em Deleuze que conheço, ele também orientando de Orlandi. A biblioteca setorial do IFCH era inacreditável, passar as tardes nessa biblioteca era um dos meus maiores prazeres.

Em compensação a cidade de Campinas não me agradava. Parecia-me uma cidade feia e sem nenhum atrativo, agora voltando como professora, em diferentes oportunidades, vejo que estávamos localizados num dos piores pontos da cidade: a Av. Irmã Serafina. A poucos metros de nosso apartamento era o ponto de parada dos travestis, o que para mim não significava nenhum problema, ainda que para minha mãe, que nos visitava uma ou duas vezes por ano, isso era um verdadeiro drama. O que ocorria era que as brigas com a polícia eram frequentes e depois de certa hora eu já não sentia nenhuma segurança na rua.

Acostumada a morar em uma cidade grande como Rosário, com um milhão e meio de habitantes, eu me sentia um pouco encurralada, sempre gostei de sair pela

noite, andar pelas ruas, entrar num café. Isso era impossível em Campinas, pelo menos na Rua Irmá Serafina. Para Gustavo não foi diferente e acho que ele sofreu tanto quanto eu o fato de não ter uma rua para andar. Foi a primeira vez na minha vida que senti a sensação horrível de ter “medos urbanos”, medo de andar na rua sozinha. E isso foi uma verdadeira pena, pois sinto verdadeiro prazer, como diria Sartre “de formigar entre os outros”. Um fator indesejado e inesperado nessa nova vida que tínhamos pela frente.

## **2. Um estudo genealógico sobre o governo dos trabalhadores**

Em março de 1990 comecei o doutorado, quando Mauro tinha um ano e 4 meses de idade. Em todas as viagens de ônibus de 45 horas que fazíamos de Rosário até Campinas às vezes os três, às vezes sozinha, o trajeto do ônibus devia passar obrigatoriamente pela cidade de Florianópolis. Em esse momento eu sempre repetia para Gustavo: é aqui que eu adoraria morar....

Obviamente após a feliz experiência que tive com o Professor Orlandi como orientador de Mestrado, eu desejava continuar trabalhando com ele. Por sorte tive a dita de que aceitara minha proposta, de modo que ele continuou sendo meu orientador. Ele deu uma sugestão que sempre tentei passar para meus orientandos, aproveitar o trabalho realizado no mestrado como um capítulo inicial da tese de doutorado. E assim foi. A Tese nunca foi publicada sob a forma de livro, e isso foi realmente uma grande falha minha. Orlandi tinha insistido em que era uma boa ideia limpar o trabalho, tirando os elementos mais acadêmicos próprios de uma Tese e enviar para publicação. Até hoje eu não desisti dessa publicação, quem sabe um dia possa achar o tempo para fazer essa reescritura. Para mim esse continua sendo meu melhor trabalho acadêmico, adorei escrever cada página, procurar os documentos, estabelecer diálogos com a literatura. Eu me sentia habitando no século XIX. Tive a oportunidade de ler textos magníficos sobre sociologia do trabalho, como o texto de Robert Linhard *L'Établi*, ou *Trabalho e capital monopolista* de Braverman, além de ter ficado absolutamente encantada com o trabalho do historiador e sociólogo E.P. Thompson. Obviamente devi voltar a ler os clássicos textos de Marx, Engels e, logicamente, voltar a ler textos de Foucault e dos foucaultianos.

Eu queria pensar a partir de Foucault a organização do trabalho, não para mostrar, mais uma vez, que na administração do trabalho existe algo assim como um

poder disciplinar, mas para utilizar as ferramentas Foucaultianas de outro modo. Interessava-me mostrar as estratégias de resistência às normas estabelecidas, essas estratégias levavam a pensar que o próprio processo de gestão taylorista do trabalho supunha alguma coisa diferente do que Foucault descrevia na sociedade disciplinar por referência à escola ou ao exército.

Eu queria compreender as relações de poder existentes entre os próprios operários, o modo como eles administravam seus espaços de resistência, mas também suas hierarquias e diferenças. Pretendia entender que estratégias de cuidado os operários qualificados do século XIX dirigiam a si mesmos, quais eram suas redes de proteção, assistência y auxílio, e quais eram as demandas de cuidado que dirigiam às instâncias estatais de assistência.

Eu tinha ficado fascinada com um livro de Denis Poulot publicado originariamente em 1872 que se chamava *Le sublime*. Ele me parecia falar de trabalhadores orgulhosos, nada disciplinados, nada remetia ali a panótics, nem a intervenções ortopédicas. Eles bebiam e se divertiam, porém tinham consciência absoluta de que a continuidade e o sucesso das fábricas dependia absolutamente de eles.

Tratava, em fim, de entender as relações de poder que perpassam as estratégias de gestão e administração do trabalho que surgiram a fins do século XIX e inícios do século XX, em plena efervescência das lutas operárias. Todo parecia indicar que essas estratégias tinham menos o objetivo de transformar os trabalhadores indisciplinados –operários qualificados e artesão que participavam na organização dos movimentos– em sujeitos disciplinados, como se poderia deduzir de uma rápida leitura de Foucault, e muito mais o interesse por transformar os operários qualificados e os artesãos, detentores de um saber, em sujeitos absolutamente prescindíveis.

Tentei mostrar que os processos de normalização não ocorrem na fábrica do mesmo modo que na medicina ou na escola, pelo menos na fábrica de fins do século XIX e inícios do século XX. Assim, quando Foucault fala da necessidade de formar um soldado disciplinado capaz de fazer um bom uso do fuzil, ele fala de um investimento nesses corpos, um melhoramento desses soldados (altura, peso, coordenação, concentração, moralidade, etc.). Nada de isso se verifica na organização do trabalho proposta por Taylor ou Ford, onde o modelo era o Sr. Schmith, descrito por Taylor

como um “homem do tipo Boi”, um sujeito incapaz de pensar, de tomar decisões: pura força sem vontade, nem pensamento, nem capacidade de decisão. A proposta de minha Tese era mostrar essa diversidade, mostrar que as estratégias de construção de subjetividade referidas aos trabalhadores qualificados foram, no período analisado, completamente diferentes das estratégias disciplinares presentes em outros espaços institucionais.

Os mecanismos de poder destinados aos trabalhadores tinham como primeira preocupação tornar a esses sujeitos sem valor, prescindíveis, dispensáveis. Acredito até hoje que é possível encontrar ali a condição de possibilidade dos processos de precarização e flexibilização laboral que se adivinhavam já no início dos anos 90. Tais estratégias poderiam ser pensadas hoje como sendo também a condição de possibilidade para a substituição de um capitalismo de produção por um capitalismo financeiro, onde o trabalhador qualificado parece ter perdido, quase por completo, seu prestígio e poder.

Entrar nesse mundo dos trabalhadores qualificados e artesãos do século XIX foi um processo complexo que me exigiu leituras de arquivos (trabalhei com o arquivo dos anarquistas localizado no IFCH), dos clássicos marxistas, de filósofos como Ranciere, Vigarello e Donzelot, de obras da literatura (fundamentalmente Dickens). Foi indispensável também um retorno aos estudos foucaultianos referidos à construção da subjetividade, à governabilidade, às relações poder- resistência e ao cuidado de si, temas que eu já tinha explorado na dissertação de mestrado. Porém, a articulação entre essas leituras só foi possível pela minha aproximação (imposta por meu orientador) com a sociologia, particularmente com a sociologia do trabalho e, especificamente, com o Professor Thomas Dwyer, quem foi efetivamente meu coorientador ainda que essa coorientação nunca fosse formalizada.

Essa tese, como já foi dito, nunca foi publicada como livro, porém, deu lugar a várias publicações que apresento a seguir. Considero a realização da Tese de doutorado como o resultado de meu primeiro projeto de pesquisa, centrado em uma leitura foucaultiana sobre o mundo do trabalho. Isto é, a Tese foi minha primeira tentativa de realizar um estudo genealógico, em este caso referido às formas de governo dirigidas ao mundo do trabalho, ao fim do século XIX e inícios do século XX, além de analisar as

estratégias de *governo de si* organizadas pelos próprios operários. Esse projeto teve como resultado as seguintes publicações:

### **Estudos genealógicos I: Os processos de subjetivação no mundo do trabalho**

CAPONI, S. *Formas de violência, estratégias de resistência*. Reflexão (Campinas). , v.61, p.99 - 130, 1995.

CAPONI, S. *A la sombra de la razon iluminista*. Revista de Ciências Humanas (Florianópolis). , v.10, p.69 - 77, 1993.

CAPONI, S. *Del trabajador indisciplinado al hombre prescindible*. Cuadernos del CIESAL. , v.1, p.117 - 128, 1993.

CAPONI, S. *La gestion de la pureza (resenha de geneaologia del racismo de Michel Foucault* - Ed. Altamira (Buenos Aires). Abc de La Lectura. , 1992.

CAPONI, S. *Organizacion del trabajo y poder disciplinar*. Revista Reflexão (Campinas). , v.49, p.131 - 144, 1991.

### **3. Um retorno frustrado**

Concluídas a Dissertação e a Tese era o momento de procurar um espaço institucional de inserção. E devo dizer com absoluta sinceridade que eu queria voltar a Rosário. Mauro tinha só quatro anos e eu pensava na época na possibilidade de um segundo filho, o que não ocorreu. Tinha vontade de voltar a casa, queria que Mauro pudesse ficar perto de sua família, de suas primas e avós. Então, começamos a procurar aulas para ministrar na UNR, mas com pouco sucesso, parecia que os espaços estavam fechados. Eu ministrei uma disciplina concentrada na pós-graduação em ciências sociais, e trabalhava também num curso técnico de formação de museólogos. Mas não via muitas possibilidades de real inserção exceto algum curso aqui ou ali com dedicação simples (equivalente a 4 horas semanais).

Alguma reclamação ouvia-se no ar por parte dos antigos colegas. Parecia existir algo assim como uma acusação não dita. Alguns pareciam reclamar que saímos quando a Universidade estava em problemas, outros pareciam acreditar que tínhamos “fugido” para realizar uma formação e que agora pretendíamos reclamar o direito de retornar. Nesse momento os cursos de pós-graduação não eram reconhecidos na Argentina como uma instancia importante para a formação de um professor. Somente nos últimos anos



esse nível de formação conquistou certo prestígio, ainda que até hoje, o professor tem que pagar com seu salário cada curso que realiza incluindo os ministrados na Universidade pública, além de pagar pela defesa da Dissertação e Tese. Só recentemente alguns alunos de pós-graduação começaram a receber bolsa de Conicet para financiar seus estudos. Observando esses fatos em perspectiva laboral e institucional, estávamos pior que antes de fazer a Pós-graduação, porém desde uma perspectiva profissional a coisa mudava, nossa carreira, nosso modo de fazer pesquisa e nossa relação com o conhecimento tinham se transformado para sempre, claro, para melhor.

Foi então que decidimos sair de Rosário. Precisávamos achar uma universidade interessada em dois doutores em filosofia. Redigimos 9 cartas para diferentes Universidades, sendo sete dessas cartas para Universidades argentinas e duas para Universidades brasileiras: Santa Maria e Florianópolis. Nunca recebemos as respostas das cartas enviadas para Argentina, mas sim recebemos resposta das duas Universidades brasileiras.

Os concursos para estrangeiros continuavam fechados, mas algumas universidades contratavam professores estrangeiros na categoria de visitantes, sempre tratando-se de candidatos com doutorado. Esse era o caso do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Santa Maria, onde Gustavo recebeu um oferecimento. Mas esse foi também o caso do Doutorado em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina: onde, graças à intermediação de Alberto Cupani, os dois, Gustavo e eu fomos contratados como Professores Visitantes para ministrar disciplinas de filosofia, especificamente de epistemologia e de ética. Florianópolis, ademais, atraía-nos muito mais do que Santa Maria. Por outra parte, nós não considerávamos, nem nesse momento nem hoje, que o único destino possível para um professor de filosofia seja um departamento de Filosofia. Em agosto de 1993, chegamos a Florianópolis, com um lindo menino de 4 anos, e muita vontade de começar a viver uma nova vida.

...

## A SAÚDE EM QUESTÃO

Instalar-se em Florianópolis foi muito fácil e agradável. A ilha, claro, seduziu-nos imediatamente. Não sentíamos saudades dos cafés de Rosario, nem de suas ruas. As praias as substituíam bastante bem. Além disso, todo mundo nos facilitou as coisas. Uma aluna do doutorado e atual colega da UFSC, a Professora Rosane Nitschke, assinou a fiança para o aluguel de um apartamento. Os salários eram suficientes para desfrutar da vida e nos repor de anos bastante difíceis. A UFSC não era a Unicamp, mas a diferença entre elas, mesmo grande, nunca podia compensar a diferença entre Campinas e a Ilha de Santa Catarina. Os dias, em particular os finais de semana, eram muito divertidos. Por outra parte, as condições de trabalho que nos davam em Enfermagem eram, sob todo ponto de vista, muito boas. Tínhamos uma única disciplina por semestre e tínhamos muito tempo para pesquisa, também foi em esse momento que eu comecei a orientar trabalhos de mestrado e doutorado.

### 1. Chegando à UFSC

Os anos que passei no Departamento de Enfermagem, de agosto de 1993 a março de 1997, foram anos verdadeiramente agradáveis, calmos e produtivos, foram dias muito felizes. Nossa família nos visitava com frequência, Mauro crescia muito bem e passávamos nosso tempo estudando, orientando e ministrando aulas no Programa de Pós-graduação. Nossos alunos eram de fato nossos colegas e muitos deles continuaram sendo nossos amigos próximos até hoje, como é o caso de Marta Verdi, Fátima Buchele e Elza Salema. Porém, acho que nunca agradei do modo devido nem ao Professor Alberto Cupani, quem nos auxiliou e facilitou os contatos com o Departamento de Enfermagem, nem às Professoras Maria Teresa Leopardi e Ingrid Elsen, em aquele momento coordenadoras do Programa. Todos eles sempre foram de uma generosidade enorme, sempre dispostos, atenciosos, e bem humorados.

As Professoras Maria Teresa Leopardi, Ingrid Elsen e os alunos do doutorado, me apresentaram o desafio de fazer uso da filosofia para refletir e questionar o presente das ciências da saúde e de instituições como os hospitais e os espaços de assistência.

As turmas eram muito ativas e interessadas, pois estavam compostas, em sua maior parte, por professores universitários. Eu saía absolutamente extenuada de cada aula, ainda que já tinha um longo treinamento como docente de filosofia. Só que agora era diferente. Os alunos/ colegas queriam conhecer e ler Aristóteles ou Platão, Kant ou Foucault, mas para poder utilizar essas leituras como ferramentas para questionar, pensar e transformar não somente sua prática docente, mas também e fundamentalmente, para pensar novos modos de estabelecer vínculos éticos no campo da assistência á saúde.

O que esses grupos me obrigaram a pensar era na utilidade da filosofia para realizar um distanciamento crítico sobre nosso presente, um distanciamento capaz de habilitar-nos para questionar as evidências e os universalismos sobre os quais se sustenta até hoje a assistência médica. Tratava-se de ensaiar modos de *desnaturalizar* uma certeza fortemente estabelecida no âmbito da saúde, a suposição de que existem dois mundos: o mundo de aqueles que estão destinados a mandar, os profissionais de saúde, e o mundo de aqueles que estão destinados a obedecer, os pacientes que precisam assistência e cujas demandas poucas vezes chegam a ser ouvidas.

No ano 1995 foi aberta uma vaga para concurso no Departamento de Filosofia da UFSC, era para a área de Ética. Conversamos bastante com Gustavo, nós já havíamos sido colegas do mesmo Departamento na Universidad Nacional de Rosario, por aproximadamente três anos. Esse foi o tempo suficiente para descobrir que trabalhar na mesma instituição (Departamento) não seria uma boa opção. Quando trabalhávamos no mesmo espaço institucional parecia que os problemas se multiplicavam por dois, quando um de nós tinha um problema o outro assumia o conflito como próprio, chegávamos a casa e parecia que continuamos em horário de trabalho: falando sobre as mesmas coisas e a mesmas pessoas que tínhamos visto durante o dia. Mesmo assim, eu achava importante fazer o concurso para lograr estabilidade institucional, já que meu contrato como Professora Visitante tinha duração de quatro anos (inicialmente dois anos, e logo mais dois anos).

Foi assim que me apresentei neste Concurso que em aquele momento requeria a defesa de um texto original. Esse texto estava articulado entorno a um diálogo entre Michel Foucault e Hannah Arendt a propósito dos conceitos de poder e resistência.

Esse trabalho foi posteriormente reescrito, dando lugar á publicação já mencionada *Modos de violencia, estrategias de resistencia* na Revista Reflexão.:

A banca não tinha gostado muito da ideia, objetou que muitos autores não consideram a Foucault como um filósofo, que Arendt e Foucault pertenciam a tradições diferentes e que era difícil estabelecer aproximações entre eles. Arendt, por sua vez, não era muito estudada no ano 1995 nos Departamentos de Filosofia, pois era considerada mais como cientista política.

Assim sendo, fui aprovada no concurso do Departamento de Filosofia da UFSC, mas em segundo lugar, o que significou que não poderia assumir porque existia somente uma vaga. Poucos anos depois aparecerá o livro de Giorgio Agamben *Homo Sacer*, onde esse autor tece articulações entre Hannah Arendt e Foucault semelhantes ás que eu tinha apontado na Monografia tão criticada. Hoje, por sorte, muitos consideram que é absolutamente lógico e pertinente estabelecer diálogos entre o pensamento de Arendt e de Foucault, um diálogo que tem se mostrado extremamente frutífero para autores como Didier Fassin, Francisco Ortega, Agamben ou Esposito, dentre outros.

Claro que não ganhar esse concurso foi bastante triste para mim, mas Gustavo e eu seguíamos pensando que trabalhar juntos não era uma boa ideia e que seria melhor procurar outros espaços institucionais onde inserir-me. Por outra parte, já no meu Doutorado eu tinha feito a opção pelos estudos interdisciplinares, desejava permanecer nesse território intermediário entre sociologia, filosofia e história no qual se situam as análises genealógicas. No Centro de Ciências da Saúde a esse diálogo interdisciplinar tinham-se acrescentado novas questões e problemas, agora do campo da saúde.

O que me cativava de dar aula na área de saúde, era que já não se tratava de apresentar um autor, nem de fazer historia da filosofia – percorrendo as diferentes tradições filosóficas– nem de estabelecer comparações entre autores, Foucault e Habermas, Apel e Arendt, Rawls e Kant, como muitos professores de filosofia gostam. O desafio agora era utilizar essas teorias e conceitos como ferramentas analíticas, como um auxilio para pensar os inúmeros problemas existentes no campo da história (o genealogia) dos saberes e práticas vinculados com a saúde.

Os alunos e colegas de Enfermagem me obrigaram assim, com absoluta gentileza, a descobrir um novo campo de estudos. A saúde deixaria de ser uma temática

lateral a meus estudos centrados em Foucault e o mundo da pobreza. Agora apareciam novos debates, novos temas que a filosofia, mas também a sociologia e a história me auxiliavam a pensar e discutir. Temas como a equidade, as relações assimétricas de poder, o diálogo entre iguais, a relação entre o público e o privado, as interferências da assistência na vida cotidiana, a assistência à pobreza, a solidão dos moribundos, os direitos sobre nosso corpo e nossa vida, dentre muitos outros, apareciam como uma nova matriz a partir da qual era possível voltar aos debates e aos textos clássicos da filosofia e da sociologia: Foucault, claro, mas também Ilich, Castel, Berlinguer, Norbert Elias, Donzelot, Hannah Arendt.

Todos esses temas apresentavam algo em comum, algo que se repetia nas perguntas e discussões que surgiam em sala de aula, algo que tinha a ver com a circulação das relações de poder, isto é, com os micropoderes que perpassam o campo da assistência médica. Essas relações pareciam ser ora simétricas, baseadas em vínculos de diálogo, entendimento e solidariedade, ora assimétricas baseadas em vínculos de piedade e compaixão pelos pobres. No primeiro caso falava-se de vínculos entre assistentes e assistidos baseados no respeito aos direitos e à autonomia do paciente, no segundo apareciam relações paternalistas, impositivas e autoritárias. E foi em essa direção que comecei a articular minha pesquisa. Ganhei nesse momento o primeiro auxílio de CNPq para realizar um estudo sócio-histórico sobre a assistência médica.

Outra coisa que devo agradecer às Professoras Ingrid e Maria Teresa foi o incentivo não somente para começar a ter maior regularidade e compromisso com as publicações, mas também para estabelecer articulações com outros centros de pesquisa, organizando eventos, ciclos de palestra ou outras formas de intercâmbio profissional. E foi nesse contexto que, inicialmente junto com a Professora Teté e logo, junto com a professora Itaira, organizamos dois livros que saíram publicados alguns anos mais tarde: *A saúde como desafio ético* (1995) e *A Saúde em Questão* (1999)

O primeiro desses textos foi o resultado de um Congresso de Filosofia e Saúde que organizamos com a Professora Leopardi e Gustavo. Esse foi o primeiro de uma longa série de Congressos, Simpósios, GT e Workshop que eu tive o prazer e o privilégio de organizar.

Realmente foi um trabalho agradável e estimulante: convidamos a vários professores da UFSC, veio o Prof. Vasconi da Universidade Nacional de Rosário de quem falei no início deste Memorial, o Professor Rubens Cassorla da UNICAMP, meu ex-orientador Luiz Orlandi, Kenneth Camargo dentre muitos outros. Foi um evento muito bom e o resultado foi a publicação desse livro onde alguns convidados participaram e outros não.

## **2. Uma problematização histórica da assistência médica**

Para dar conta das exigências dos cursos eu sentia a necessidade de ler e sistematizar cada uma das aulas que apresentaria na disciplina de Doutorado *Introdução Histórico-Filosófica às ciências da saúde*. Descobri que era um ótimo exercício escrever de modo sistemático o material, a partir do qual organizaria cada uma das aulas, sob a forma de pequenos artigos. Essa tarefa qualificava e facilitava muito as discussões com os alunos. Nesses anos, realmente cheguei a descobrir o prazer de passar longas horas de meu dia dedicadas á escritura de textos acadêmicos. Ainda que só fossem textos destinados a servir de material de estudo para minhas aulas, eles me ajudavam a esclarecer algumas ideias e conceitos, ao mesmo tempo que serviam como ponto de partida para, posteriormente, escrever artigos para ser submetidos a avaliação em periódicos científicos. Foi assim que nesses anos foram escritos e publicados os seguintes artigos que, conjuntamente com o livro publicado em 2001, constituem um bloco de trabalhos que agruparei aqui sob o nome:

### **Estudos genealógicos II: Uma problematização histórica da assistência médica.**

#### **Publicações em periódicos**

CAPONI, S. *Intervenciones filosoficas en la practica de la enfermeria*. Texto & Contexto. Enfermagem. , 1994

CAPONI, S. *Resenha: Thomas Szasz: Cruel Compaixão*. Texto & Contexto. Enfermagem. , v.4, p.146 - 147, 1995.

CAPONI, S. *Lo bueno y lo correcto: una encrucijada en la etica contemporanea*. Texto & Contexto. Enfermagem. , v.4, p.48 - 59, 1995.

CAPONI, S. *La ciencia y la condicion humana*. Trans/Form/Ação. , v.19, p.103 - 114, 1996.

CAPONI, S. *O poder pastoral na historia da medicina moderna*. Cadernos de História e Filosofia da Ciência (UNICAMP). , v.7, p.103 - 122, 1997.

CAPONI, S. *La mujer: entra la razon publica y la emocion privada*. Texto & Contexto. Enfermagem. , v.6, p.11 - 17, 1997.

CAPONI, S. *Los usos de lo normal*. Manuscrito (UNICAMP). , v.21, p.189 - 225, 1998.

CAPONI, S. *O método socrático*. Texto & Contexto. Enfermagem. , v.6, 1997.

CAPONI, S. *Estética e o envelhecimento humano*. Texto & Contexto. Enfermagem. , v.6, p.212 - 220, 1997.

CAPONI, S. *Georges Canguilhem y el estatuto epistemologico del concepto de salud*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos. , v.4, p.217 - 307, 1997.

CAPONI, S. *A compaixão no poder medico assistencial*. Cadernos Nietzsche. , v.4, p.63 - 82, 1998.

CAPONI, S. *A ética utilitarista e a medicalização da família*. Reflexão (Campinas). , v.70, p.60 - 74, 1998.

CAPONI, S. *El concepto durkheimiano de normalidad*. Estudos Sociales. , v.8, p.187 - 200, 1998.

CAPONI, S. *Da compaixão à Solidariedade*. Revista do Conselho Federal de Medicina. , 1999.

CAPONI, S. *Lo Público y lo Privado en tiempos de Peste*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos. , v.VI, p.7 - 28, 1999.

CAPONI, S. *A lógica da Compaixão*. Rev.Trans/Form/Ação, São Paulo, 21/22: 91-117, 1998/1999

CAPONI, S. *Resenha. Leonidas Hegenberg:Doença um estudo filosófico*. Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ). , v.4, 1999.

### **Livros organizados**

CAPONI, S., LEOPARDI, M. T., CAPONI, G. *A saúde como desafio ético*. Florianópolis, SEFS, 1995 p.196.

CAPONI, S., PADILHA, M. I. C. S. *A Saúde em Questão*. Porto Alegre : ed. Pallotti, 1999 p.166.

### **Livro publicado**

CAPONI, S. *Da Compaixão á Solidariedade. Uma genealogia da assistência médica*. Rio de Janeiro : FIOCRUZ, 2001,. p.100.

Posteriormente, conjuntamente com a Professora Bettina Bub, participamos na FIOCRUZ de um evento organizado pela Casa Oswaldo Cruz. Nesse momento estava

começando a ser criada esta Casa (COC-FIOCRUZ) com o Objetivo de abrigar um grande Centro de pesquisa em História das Ciências da Saúde. Efetivamente esse Centro foi criado e hoje é um dos locais mais importantes para o desenvolvimento de pesquisas na área de história das ciências da saúde que existe no Brasil e, acredito, em América Latina. Foi um momento muito significativo para mim, era o ano 1996 e eu tinha acabado de passar num concurso no Departamento de Saúde Pública da UFSC. Isso significava que eu podia continuar com a caminhada iniciada três anos antes. Uma linha de trabalho que pode ser definida como: estudos genealógicos da saúde.

Naquela viagem participamos de um Simpósio sobre história da medicina organizado pela Professora Vera Portocarrero e pelo Prof. Jaime Benchimol, com este último fizemos uma boa amizade que permanece até hoje. Conheci ali às Professoras Ilana Lowy (Centre Koyre), Anne Marie Moulin (CENARES) e ao Prof. François Delaporte (Université de la Picardie). Dois deles tinham sido alunos de Foucault e os três apresentaram palestras incrivelmente boas. Eu fiquei realmente encantada com as possibilidades de continuar minhas pesquisas com a história da medicina, e assim foi, Delaporte iria a ser mais tarde meu supervisor de pós-doutorado.

Como já foi mencionado, no ano 1996 realizei um Concurso de Professor Adjunto no Departamento de Saúde Pública, e todo continuou sem grandes mudanças. Prossegui orientando muitos dos trabalhos que já orientava e encontrei um clima de trabalho muito acolhedor e agradável. Para ingressar ao Departamento, como ocorrera no concurso de Filosofia, era necessário apresentar uma monografia que logo seria defendida perante a banca de concurso. Esse trabalho foi posteriormente publicado sob a forma de livro pela Editora Fiocruz. Ali eu tinha articulado e sistematizado as aulas que nos anos anteriores ministrara no Programa de Pós-graduação em Enfermagem. Elas se articulavam perfeitamente com as exigências para ingressar ao Departamento de Saúde Pública. O livro já mencionado “Da Compaixão à Solidariedade. Uma genealogia da assistência médica”.

Esse livro me deixou muitas satisfações, vários convites para ministrar palestras aqui e ali, além de ter tido uma segunda reimpressão no ano 2004. Não existiu de fato um momento de corte entre um Departamento e outro, é por isso que eu falo que trabalhei 18 anos no CCS (Centro de Ciências da Saúde) ainda que fossem somente três



na enfermagem e 15 na Saúde Coletiva. De modo que, o que considero até hoje como sendo minha linha de pesquisa, docência e orientação ficou definida já nos meus primeiros anos de trabalho no CCS. Nesses anos tive o prazer de orientar seis Teses de Doutorado e uma Dissertação de Mestrado todas defendidas com sucesso:

1. Valeria Lerch Lunardi. *A governabilidade na enfermagem: entre a tecnologia pastoral e o cuidado de si*. 1997. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Santa Catarina
2. Alejandrina Arratia Figueroa. *A bioética e a educação para a saúde*. 1998. Tese (Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina
3. Agueda Wenthausen. *Conselhos de Saúde e Controle Social*. 1999. Tese (Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina
4. Maria Bettina Camargo Bub. *Concepções de saúde, ética e prática de Enfermagem*. 2001. Tese (Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina
5. Marta Verdi. *Da Hausmanização às Cidades Saudáveis*. 2002. Tese (Doutorado Em Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina
6. Ilka Alonso. *Luzes e sombras no encontro do universo profissional com o mundo da intimidade familiar*. 2003. Tese (Doutorado Em Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina
7. Fernanda Piccolo. *Grupos de convivência na assistência a mulher de meia idade*. 1998. Dissertação de Mestrado (Enfermagem) - Universidade Federal de Santa Catarina.

Antes de ingressar ao Departamento de Saúde Pública, Maria Teresa Leopardi, Bettina Bub, Gustavo e eu, organizamos um Segundo Seminário de Filosofia e Saúde, desta vez contávamos com dois convidados internacionais: François Delaporte e Ilana Lowy. Também com pesquisadores da Fiocruz como David Castiel, Kenneth Camargo, Ricardo Ayres, Vera Portocarrero e outros. Foi um evento realmente bom, juntamos pessoas muito interessantes que interagiram com os colegas locais de maneira ótima, sem estrelismos nem formalidades.

Lembro de uma pequena festa de encerramento em um bar muito simples, mas maravilhosamente localizado, em Sambaqui, olhando o por do sol ao entardecer. Foi um

momento muito feliz, acho que para todos os envolvidos, locais e convidados. Lamentavelmente não ficou nenhum registro desse evento, até hoje preciso continuar desculpando-me com Maria Teresa e Ingrid por minha ingenuidade. Solicitei todos os textos que foram enviados para mim pelo correio, o livro ficou montado e foi enviado para Rio, para uma professora que participou do Evento para ela encaminhar a uma Editora dessa cidade. No entanto essa coletânea nunca chegou à Editora e eu fiquei como uma burra perante todos os convidados e perante as coordenadoras do Programa porque... tinha enviado os originais com um Disquete, e eu não tinha ficado com copia. Claro que aprendi de minha torpeza, mas o material se perdeu e nunca mais foi recuperado.

Nesse momento eu já fazia parte do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva, pois tinha sido convocada para elaborar e começar a ministrar uma disciplina obrigatória que se denominava, *Introdução histórico-filosófica às ciências da saúde* (que depois seria *Fundamentos Teóricos da Saúde Coletiva*). Em março de 1997 ingressei como Professora no Departamento de Saúde Pública. Os colegas me receberam muito bem, ali fiz excelentes amizades e trabalhei num clima de muito respeito por longos anos. Dois anos depois de ingressar, tivemos a sorte, tanto eu quanto Gustavo, de poder ganhar uma bolsa de Pós-doutorado para desenvolver estudos na área de história das Ciências em Paris.

...

## PELAS RUAS DE PARIS

Chegamos a Paris nos primeiros dias de setembro de 1999, e ficamos até o último dia de agosto de 2000. Foi um ano intenso, muitos anos em um ano, muitas coisas novas por entender, desde o idioma (ninguém falava como na Aliança Francesa) e a organização das bibliotecas e Universidades, até apreender a andar e movimentar-se pela cidade. Se a mudança de Rosario a Campinas tinha sido uma experiência transformadora, acho que foi muito mais transformadora ainda essa chegada a Paris. Ainda que tudo fosse novo, tudo parecia encaixar de maneira perfeita, achamos um apartamento grande e luminoso num bairro incrível, Saint Mandé, a duas ruas do Bosque de Vincennes. Meu filho teve uma adaptação quase imediata, a escola ficava a duas ruas de nossa casa e ele concluiu ali o CM2, equivalente ao ensino fundamental. Foi um excelente aluno ainda que nunca tinha estudado francês, a pesar de nossa insistência. Eu não tenho dúvidas de afirmar que esse foi o melhor ano de nossas vidas.

A escola era em horário integral e enquanto Mauro estudava, Gustavo e eu podíamos fazer disciplinas, participar de reuniões de grupo, ir à biblioteca, em fim, trabalhar de um modo que antes parecia inimaginável. De repente ficava fácil pedir uma entrevista com Robert Castel para tirar algumas dúvidas, ou com Dominique Lecourt, ou com Jaques Donzelot, pessoas que eu tinha lido incansavelmente de traduções.

### **1. Paris era uma festa**

No ano que nos estabelecemos para realizar o Pós-doutorado em Paris cursei uma disciplina com Dominique Lecourt e outra com Gerard Jorland, também participei regularmente das reuniões realizadas pela equipe REHSEIS, um Núcleo de Pesquisa de Paris VII dedicado à filosofia, sociologia e história das ciências, que era coordenado nesse momento pelo Professor Michel Paty. As reuniões eram uma vez por mês, uma pessoa apresentava um trabalho que se discutia no grupo, os brasileiros fomos bem recebidos e conheci ali à Professora Marisa Russo. Com Marisa acabamos fazendo uma excelente amizade, nos visitávamos e discutíamos nossos trabalhos de pesquisa. Desde então até hoje, compartilhamos inúmeros espaços acadêmicos, dentre os quais devo

destacar a publicação de um livro que organizamos em Paris alguns anos mais tarde, solicitando aos Professores do REHSESIS e do Centre Canguilhem (Paris VII) artigos sobre Epistemologia e História das Ciências da Vida que foram traduzidos e logo organizados para compor o livro:

CAPONI, S., RUSSO, M. *Estudos de Filosofia e Historia das Ciências Biomédicas*. São Paulo : Discurso, 2006, v.1000. p.359.

Eu tinha chegado a Paris com uma carta do Professor François Delaporte, da *Université de La Picardie*, no entanto já tínhamos conversado sobre o fato de eu ficar instalada em Paris, ele achava que ali eu teria mais atividades para realizar e que também poderia ficar vinculada ao Núcleo REHSEIS. Delaporte viajava frequentemente a Paris e ali tínhamos nossas reuniões de trabalho, somente em uma oportunidade Gustavo e eu fomos a Picardie para conhecer a cidade e visitar a Universidade e para ter uma reunião de orientação.

Alem das atividades já elencadas eu participava regularmente da disciplina *Historia do Higienismo em França* que era ministrada na EHESS (Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales) pelo Professor Gerard Jorland. E foi realmente nessa disciplina que descobri novos caminhos e novos problemas de pesquisa. O Professor Jorland foi extremamente gentil, ele gosta de ler textos em espanhol pelo qual a interação resultou muito fácil. Ele leu os trabalhos que estava desenvolvendo com muita atenção e me deu pertinentes e claras sugestões de leitura que contribuíram muito ao posterior desenvolvimento de meu trabalho.

Eu estava trabalhando sobre a temática da higiene y a reorganização urbana, e Jorland analisava em seu curso o surgimento da higiene antes e depois de Pasteur. Ele me motivou para que visitasse o Instituto Pasteur, e me apresentou dois colegas que ali trabalhavam: o Dr. Gabriel Gachelin, que tinha sido um dos diretores do Instituto Pasteur, e a Professora Annick Opinel, quem era a encarregada do Departamento de Historia e Documentação do Instituto Pasteur.

Assim, as portas desse prédio belíssimo e gigantesco construído no século XIX no centro de um grande parque situado a poucas ruas do Metro Pasteur, que conta com um dos arquivos de historia da medicina mais importantes de Paris, ficaram abertas para mim. Por vários anos, continuamos o vinculo com os colegas do Instituto Pasteur, até o

momento em que, por uma mudança na direção do Instituto, já em 2007, todo o Departamento de História e Memória foi, lamentavelmente, desarticulado e trasladado à Biblioteca Nacional de França- François Mitterrand. Continuam até hoje os vínculos com a Professora Annick Opinel, uma amiga próxima e muito querida, quem foi deslocada de Departamento de História ao Departamento de Epidemiologia do Instituto Pasteur. Do mesmo modo, a relação com a EHESS continua até hoje, pois foi ali que em 2011 realizei meu segundo pós-doutorado, sobre o qual falarei num próximo item deste memorial: um Doutorado Sênior com bolsa da Capes, agora com a supervisão do Professor Gerard Jorland.

Depois de finalizado meu primeiro estágio de pós-doutorado, em agosto do ano 2000, retornei muitas vezes a Paris. A primeira vez foi como Professora convidada da EHESS para ministrar um seminário de dois meses na disciplina que coordenava Gerard Jorland. Mais tarde como pesquisadora do CENARES e posteriormente como Professora do College de France, como será detalhado a seguir.

Porem, nesse contexto de idas e vindas de Paris a Florianópolis, foram criados também sólidos vínculos e frutíferos intercâmbios com colegas de Brasil que trabalhavam na área de epistemologia e história das ciências biomédicas e da saúde. Em esse momento se iniciaram intercâmbios com colegas de Rio de Janeiro, particularmente da Casa Oswaldo Cruz-Fiocruz, como Jaime Benchimol, Flavio Edler e Magali Romero Zá, da ENSP-Fiocruz como Luis David Castiel e Roland Schram, e da UERJ como Kenneth Camargo e Francisco Ortega. A partir dessas interações foram realizadas diversas atividades como participação em bancas, participação em simpósios e eventos, e outras atividades acadêmicas.

Dois projetos diferentes foram desenvolvidos entre os anos 2000 e 2006. O primeiro foi meu projeto de Pós-doutorado que estava centrado em uma discussão sobre higiene, reformas urbanas e moradia popular, esse projeto tinha surgido como consequência de meu trabalho de doutorado onde eu tinha trabalhado tangencialmente questões relativas às transformações ocorridas nas condições de vida dos trabalhadores de fins do século XIX e inícios do século XX, fundamentalmente o olhar de desconfiança que médicos e políticos dirigiam aos cortiços.

Meu objetivo era agora analisar de que modo tinham ocorrido essas transformações urbanas, estudando os argumentos utilizados pelos higienistas e as resistências populares ocorridas nos processos de modernização operados tanto no Brasil quanto na Argentina, a inícios do século XX. Um processo que pode ilustrar-se pela substituição dos cortiços pelas favelas.

Nesse momento trabalhei com estudos realizados por sociólogos e historiadores contemporâneos como Jaime Benchimol, particularmente seu texto *Pereira Pasos: um Haussman tropical* e Sidney Chaloub, *Cidade Febril*. Analisei também uma serie de documentos que achei nas bibliotecas de Historia da Medicina de Paris, na biblioteca da FIOCRUZ e na Biblioteca Nacional de Medicina da cidade de Buenos Aires, centrando-me particularmente na leitura dos congressos latino-americanos de higiene e Medicina Legal.

Esses documentos me levaram a observar que, além da problemática dos miasmas e do temor que suscitavam os bairros operários, existia um segundo objeto de preocupação que parecia ser tão forte como o terror ao contágio associado à miséria. Refiro-me ao terror aos trópicos e a todos os elementos de perigo associados com esse espaço que parecia ser tão distante para os europeus como para os argentinos. Foi então que aproveitei a oportunidade que tinha sido dada para mim de trabalhar com os documentos do Arquivo do Instituto Pasteur, e descobri ali um Arquivo dedicado completamente à medicina tropical. Era o Arquivo do Instituto Pasteur de Ultramar.

## **2. O Instituto de *Patologie exotique*.**

Surgiu assim o segundo projeto realizado nesse período de sete anos de trabalho. O projeto denominou-se *A Emergência da Medicina Tropical*. Partindo do exame das confrontações científicas ocorridas entre os pesquisadores do Brasil e da Argentina a propósito da etiologia e a profilaxia internacional dessas doenças, que precisam da intermediação de vetores para garantir sua transmissão (malária, febre amarela ou doença de Chagas), estudei de que modo se articulavam esses debates com as controvérsias suscitadas entre pesquisadores da França e Inglaterra em torno à constituição de uma nova reorganização epistemológica do saber médico.

O objetivo desse projeto era analisar as transformações ocorridas na higiene pública de Brasil e Argentina, e avaliar os discursos, práticas e instituições sanitárias

vinculados com a emergência da medicina tropical. As pesquisas referidas à emergência da medicina tropical estavam fundamentalmente centralizadas por dois Institutos europeus: The London School of Higiene and Tropical Medicine (1898) e a *Société de Pathologie Exotique* (1908), cujos documentos estavam localizados no Arquivo do Instituto Pasteur de Ultramar.

Da leitura desses arquivos e do trabalho realizado nesses anos em que desenvolvi os dois projetos de pesquisa antes mencionados, surgiram uma serie de publicações que agruparei aqui sob o nome de:

### **Estudos genealógicos III: Higiene e Medicina Tropical**

#### **Publicações em periódicos**

CAPONI, S. *El debate sobre la generación espontánea en la historia de la higiene pública*. Episteme (Porto Alegre). , v.13, p.79 - 107, 2001.

CAPONI, S. *La aceptabilidad del risego*. Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ). , v.17, p.1306 - 1307, 2001.

CAPONI, S. *Pantanos, microbios y conventillos: el impacto de la microbiología en el higienismo argentino y brasileño*. XI Jornadas de Epistemología e História de Las Ciencias. , v.XI, p.72 - 80, 2001.

CAPONI, S. *El Veneno y el mosquito: aspectos epistemológicos de la etiología y la profilaxis de la fiebre amarilla*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos. , v.VII, p.251 - 282, 200060.

CAPONI, S. *La generación espontánea y la preocupación higienista por la diseminación de los gérmenes*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos. , v.9, p.591 - 607, 2002.

CAPONI, S. *Miasmas, Microbios y conventillos*. Asclepio Revista de História de La Medicina y de La Ciencia. , v.LIV, p.155 - 182, 2002.

CAPONI, S. *Trópicos, microbios y vectores*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos. , v.9, p.111 - 138, 2002.

CAPONI, S. *Corpo, população e moralidade na história da medicina*.

Esboços (UFSC). , v.9, p.69 - 86, 2002.

CAPONI, S. *De bacilos y mosquitos. Aspectos epistemológicos de la etiología y profilaxis de la fiebre amarilla.* Epistemología e Historia de La Ciencia. , v.8, p.86 - 91, 2002.

CAPONI, S. *El debate sobre la generación espontánea en la História de la Higiene pública.* Episteme (Porto Alegre). , p.79 - 108, 2002.

CAPONI, S. *Entre Miasmas y Microbios: La vivienda popular higienizada.* Cadernos de Saúde Pública (ENSP. Impresso). , v.18, p.1665 - 1674, 2002.

CAPONI, S. *Coordenadas Epistemológicas de la Medicina Tropical.* História, Ciências, Saúde-Manguinhos. , v.10, p.113 - 150, 2003.

CAPONI, S., BITTENCOURT, S., FALKENBERG, M. *O uso das plantas medicinais sob prescrição médica: pontos de diálogo e controvérsias com o uso popular.* Revista Brasileira de Farmacognosia. , v.12, p.89 - 91, 2003.

CAPONI, S. *A Biopolítica da população e a experimentação com seres humanos.* Ciência e Saúde Coletiva (Impresso). , v.9, p.35-50 - , 2004.

CAPONI, S. *Hygiénisme et reorganisation urbaine au Brésil et en Argentine.* Cahiers du Centre de Recherches Historiques. , v.33, p.191 - 214, 2004.

CAPONI, S. *La historia de la ciencia y el poder médico.* História Revista (UFG). , v.9, p.161 - 190, 2004.

CAPONI, S. *Naturalistas y Microbiólogos en la Emergencia de la Medicina Tropical.* Sociedad Iberoamericana de Información Científica. , 2004.

CAPONI, S. *A emergência da medicina tropical no Brasil e na Argentina.* ComCiência. , v.66, p.<http://www.comc> - , 2005.

CAPONI, S. *RESENHA: Nueva edición para la Obra de Adolpho Lutz: una iniciativa sin precedentes.* História, Ciências, Saúde-Manguinhos. , v.12,



p.591 - 595, 2005.

**CAPONI, S.** *The crisis of the tesis of climatic pessimism.* Parassitologia (Roma). , v.47, p.259 - 265, 2006.

### **Capítulos de livro**

CAPONI, S. *A saúde como abertura ao risco* In: Promoção da Saúde (conceitos, reflexões, tendências).2 ed.Rio de Janeiro : FIOCRUZ, 2003, p. 01-174.

CAPONI, S. *A emergência da medicina tropical no Brasil e na Argentina* In: Ciências da vida: estudos.pri ed.Campinas, sp : AFHIC, 2006, p. 393-409.

CAPONI, S. *La salud como abertura al riesgo* In: Promoción de la salud.1 ed.Buenos Aires : Lugar, 2006, p. 48-92.

CAPONI, S. *O surgimento da medicina Tropical* In: Estudos de Filosofia e historia das ciencias biomédicas ed.São Paulo : Discurso, 2006, p. 277-292.

### **Livro publicado:**

CAPONI, S., RUSSO, M. *Estudos de Filosofia e Historia das Ciências Biomédicas.* São Paulo : Discurso, 2006, v.1000. p.359

Analisando as publicações desse período que se inicia em 2000, após o retorno do Pós-doutorado, e que se estende até o ano 2006, parece evidente o valor que essa experiência teve para meu trabalho. O pós-doutorado teve para mim um enorme impacto, decididamente positivo, no modo de realizar as pesquisas. Acredito que a qualidade de meu trabalho melhorou notavelmente a partir daí, ampliando-se significativamente a agenda temática das minhas pesquisas.

A partir do retorno daquele primeiro pós-doutorado realizado em Paris multiplicaram-se os espaços de interação. Vários professores que tive a oportunidade de

conhecer na França visitaram a UFSC. Também foram frequentes minhas visitas para realizar diversas atividades acadêmicas na França. Em esses anos, visitaram a UFSC para participar de diferentes atividades vinculadas com o Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva os Professores François Delaporte (Université de La Picardie), Gerard Jorland (EHESS) e a Professora Anne Fagot Largeault (College de France). Outros pesquisadores, convidados por outros centros de pesquisa, também realizaram alguma atividade vinculada ao Programa. Destaco, por exemplo, a visita dos Professores: Ilana Lowy (Centre Koyre), Jean Gayon (Sorbonne), Michel Paty (Paris VII) e Ian Hacking.

Minha carreira, nesses anos, estava estreitamente vinculada com Paris. No ano 2002 participei como Professora visitante, *Maitre de Conference*, na *Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales*, EHESS, onde ministrei uma disciplina concentrada no curso de Doutorado de História e Filosofia das Ciências coordenado pelo Professor Gerard Jorland. Posteriormente, no ano 2004, fui beneficiada com uma bolsa de pesquisador do *Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS* para desenvolver trabalhos de pesquisa na *Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales*, EHESS, e também no *Instituto Pasteur* de Paris.

Posteriormente, e a partir desse estágio no Instituto Pasteur, fui convidada pelo Professor Gabriel Gachelin e pela Professora Annick Opinel, ambos pesquisadores do Centre de Recherches Historiques do Instituto Pasteur, para organizar, na sede dessa Instituição em Paris, um Congresso denominado:

CAPONI, S., OPINEL, Annick, GACHELIN, Gabriel. **Les maladies parasitaires au Bresil: naissance d'une nosographie**, 2005. Local. Instituto Pasteur-Paris. (Organização de evento)

Eu tinha absoluta liberdade para escolher os pesquisadores Brasileiros que participariam do evento, e tudo foi completamente custeado com recursos do Instituto Pasteur. Vários Professores de França, Estados Unidos e Brasil participaram desse evento que foi um verdadeiro sucesso. Muitos pesquisadores da Casa Oswaldo Cruz foram convidados, dentre eles, o Prof. Jaime Benchimol, a Prof. Magali Romero Zú, e o Prof. Flavio Edler. Pela França participaram pesquisadores de reconhecido prestígio como Jean Pierre Dedet (Monpellier), Paul Reiter (instituto Pasteur) e Pierre Saliu

(Centre de Pathologie exotique), e de Estados Unidos Darwin Stapleton (New York University). De fato foi uma semana de muito trabalho, grandes discussões e excelentes palestras, esse evento deu lugar a uma publicação em um número especial da Revista Italiana Parasitologia, onde todas as palestras, inclusive a minha foram publicadas.

Nesse Congresso apresentei uma palestra onde se discutia a temática do que denominei “pessimismo climático” e sua associação com a ideia conservadora, muito difundida ao longo dos séculos XIX e parte do século XX, pela qual os Trópicos deveriam ser vistos como uma ameaça sanitária e como um foco de doenças transmissíveis. A recente aparição do Ebola nos remete a esses terrores que até hoje, lamentavelmente, parecem estar associados aos trópicos. Meu olhar epistemológico, sociológico e histórico estava dirigido a desvendar os discursos científicos que circularam entorno aos mitos dos trópicos. Esse trabalho foi publicado sob o nome de:

CAPONI, S. The crisis of the tesis of climatic pessimism. *Parassitologia* (Roma). , v.47, p.259 - 265, 2006.

No mesmo ano, a Professora Anne Fagot Largeault, professora da disciplina Filosofia e Historia da Medicina no College de France (um desdobramento do que por anos foi a disciplina Historia dos Sistemas de Pensamento, ministrada de 1973 a 1983 por Michel Foucault), me convidou para ministrar uma palestra a um pequeno grupo de pesquisadores que fazia parte de Núcleo que ela coordenava e que coordenou até sua aposentadoria compulsória que ocorreu poucos anos mais tarde. Apresentei nessa reunião que foi realizada no College de France, o mesmo trabalho que tinha apresentado no Congresso do Instituto Pasteur, essa conferencia foi bem recebida, suscitando mais interesse do que eu teria imaginado. Foi assim que, um ano mais tarde, recebi um convite inesperado, sem dúvida o convite mais importante que recebi até hoje na minha vida acadêmica. Tratava-se, nada mais e nada menos que de um contrato temporário para participar como Professora Visitante por três meses no College de France. Acredito ser esse o sonho de qualquer foucaultiano, e eu verdadeiramente estava muito feliz.

O College de France é uma Instituição bem diferente de outras instituições acadêmicas, vale a pena lembrar que ela foi fundada no ano 1530, e que para começar ali não existem alunos, mas público. Dentre esse público estavam muitos colegas como Annick Opinel, Gabriel Gachelin, Claire Salomon Bayet, dentre outros, o ambiente era extremamente formal, incluindo uma janta de homenagem onde foram convidados

pesquisadores da área, nesse momento foi entregue para mim uma medalha do College de France com meu nome e o ano gravados.

Em fim, foi tudo bastante inesperado para mim, foram seis encontros, em cada um dos quais desenvolvi um tópico sobre a ciência nos Trópicos. Gustavo e Mauro foram a visitar-me alguns dias. Fiquei hospedada num charmoso apartamento que ficava numa velha mansão que pertence ao College de France. Essa casa foi reformada e onde eram quartos foram construídos pequenos apartamentos de um dormitório para hospedar aos professores convidados. No térreo dessa mansão funcionavam espaços administrativos, mas pela noite eles fechavam, e então eu ficava sozinha nessa casa gigante. Como era um bairro extremamente caro, ficava na parte posterior ao Louvre, quase não existiam comércios noturnos como bistrôs ou cafés por perto. Pela noite tudo parecia bastante desolador e solitário, só se escutavam os gatos que subiam e desciam pela rua.

Tirando essa sensação um pouco desoladora foram dias extraordinários que certamente será difícil esquecer. Eu sabia que estava vivendo uma experiência singular que dificilmente se voltaria a repetir. A Professora Anne Fagot aposentou-se pouco tempo depois e essa disciplina hoje já não existe na grade de disciplinas do College de France, cujo caderno de informações destinado aos professores que por ali passaram eu tenho recebido pontualmente a cada ano em Florianópolis.

Retornei posteriormente a Paris para participar de algum congresso ou de alguma atividade acadêmica de curta duração até que no ano 2011, voltamos para realizar um segundo pós-doutorado, agora um Pós-doutorado Sênior, com uma duração de seis meses. Explicitarei com mais detalhe as pesquisas que foram realizadas nesse segundo Pós-doutorado neste Memorial, posteriormente.

Nada disso teria sido possível se eu não tivesse tido as condições materiais e as possibilidade que sempre me deu a Universidade Federal de Santa Catarina para poder desenvolver minhas pesquisas, para poder viajar a procurar material de arquivo e, fundamentalmente, para poder expor esses trabalhos em sala de aula para meus alunos, em sua maior parte oriundos da área da saúde, mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva.

### VOLTANDO A CASA: NOVOS DESAFIOS

Trabalhei quinze anos no Departamento de Saúde Pública da UFSC (SPB), como professora e pesquisadora. Desde o ano 1997, quando ingressei como professora efetiva, por concurso público, assumi o compromisso de colaborar no processo de consolidação do recém criado Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva. Tratava-se então de um Departamento que contava com poucos doutores e com uma área de ciências sociais e saúde muito frágil. E foi nessa tarefa de consolidação que investi 15 anos de trabalho nesse Departamento.

Por considerar que, no ensino superior, pesquisa e ensino não são duas vias paralelas que se possam percorrer independentemente, mas sim duas instâncias indissolúvelmente vinculadas, eu sempre tentei desenvolver pesquisas relevantes para minha atuação docente. Sempre procurei que os resultados dessas pesquisas se traduzissem em publicações regulares e que pudessem ter alguma utilidade para meus alunos.

Os problemas de pesquisa que tentei trabalhar, situando-me na interface entre ciências sociais e saúde, serviram como subsídios para o ensino das disciplinas de graduação e pós-graduação que ministrei até o ano 2011, no Departamento de Saúde Pública.

Assim, tomando como ponto de partida a perspectiva de Nietzsche e Hannah Arendt tentei compreender a relação público-privado, o que deu lugar aos trabalhos vinculados com o livro *Da compaixão à solidariedade*. Os debates sobre biopolítica decorrentes dos trabalhos de Foucault, possibilitaram a realização de diferentes estudos genealógicos referido à higiene, medicina tropical, processos de urbanização e saúde mental. Foram desenvolvidos também estudos na linha da bioética, priorizando a temática das pesquisas com seres humanos. Outro eixo explorado, tomando como ponto de partida os trabalhos de Erving Goffman, foi a problemática do estigma e o preconceito que me levou a produzir alguns trabalhos na área de psiquiatria e medicina estética. A problemática do risco e o conceito de medicalização, a partir

fundamentalmente dos trabalhos de Georges Canguilhem, Robert Castel, Debora Lupton e Luis Castiel, deram lugar a diversos trabalhos sobre medicalização do sofrimento, da infância e da vida cotidiana.

### **1. A coordenação do Programa em Saúde Coletiva**

Imediatamente após meu retorno do Pós-doutorado, no ano 2001, assumi o compromisso de trabalhar na coordenação do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, tarefa na qual permaneci por 6 anos. Inicialmente foram dois anos como sub-coordenadora quando a Coordenadora era a Professora Vera Blank (de 2001 e 2002) e logo foram quatro anos (dois períodos) como coordenadora de 2003 a inícios de 2007.

Nesse momento o Programa estava em serias dificuldades, já tinha recebido duas vezes um conceito três (3) pela CAPES e sabíamos que não poderíamos continuar com esse conceito por mais de três períodos. Assim sendo só ficavam duas opções: passar para conceito quatro ou ganhar um conceito dois, o que significava que teríamos que fechar o programa. No período 2003 a 2005 voltamos a ficar com conceito três, mas esse foi um período de grandes mudanças: regras mais claras para credenciamento de professores; estímulo à produção docente e discente; reuniões de planejamento com alunos e colegas para reorganizar as linhas e áreas de pesquisa; visitas dos representantes da Capes. Foi um terrível desgaste pessoal, eu não gostava de ter que impor essas normas e ainda menos de ter que submeter ao colegiado a necessidade de descredenciar colegas, como de fato acabou ocorrendo com dois colegas pelos quais tenho a maior estima.

Nesse momento a CAPES apresentava três objeções a nosso Programa: o TMT (Tempo médio de titulação) dos alunos era muito alto, as áreas não estavam bem definidas e a produção científica docente-discente era pouca e estava concentrada só em alguns professores.

As reuniões de Planejamento entre os professores eram longas, cansativas e com muitas dificuldades lográvamos estabelecer algum acordo ou meta. Existiam posições muito diferentes quanto ao que devia considerar-se como a quantidade de produção científica desejável. Alguns Professores chegavam a publicar 15 artigos por ano, na área de epidemiologia, enquanto que nas ciências sociais o número era de um artigo ou capítulo de livro. Produção em livros não era considerada na época, somente Revistas

Qualis A ou B (se falava B2 ou superior). Foi uma luta chata e tediosa, era obvio que o modo de produzir conhecimento no campo da epidemiologia, com artigos quantitativos breves e com um número de 6 ou 8 autores, era diferente de um artigo da área de história, ética ou sociologia da saúde, em sua maior parte extensos e com um ou no máximo dois autores.

No entanto, esse argumento obvio não era entendido e todo se reduzia a uma diferenciação entre dois blocos: o chamado produtivo (os epidemiologistas e administradores) e o chamado improdutivo (as Ciências sociais e humanas em saúde). Nesse contexto, meu lugar de coordenadora de Programa não era nada fácil. Por sorte existiam os alunos e também um pequeno grupo de colegas da área de Ciências Humanas e sociais em Saúde com os quais era muito prazeroso trabalhar.

Como os alunos eram verdadeiramente excelentes, os problemas como tempo médio de titulação e produção discente foram rapidamente resolvidos. O vinculo com os alunos era muito estimulante e muito bom, todos os alunos de todas as áreas trabalharam e comprometeram-se com o projeto, eles sabiam que a opção era simples ou melhorávamos o Programa ou a CAPES o fecharia. O tempo de titulação baixou, novos Núcleos de pesquisa se montaram e outros se fortaleceram, destinamos horas para os professores e créditos estimular aos alunos a participar dos grupos de pesquisa. Obtivemos um excelente envolvimento dos alunos na organização de eventos, e na participação em palestras e simpósios.

Muitos dos Eventos organizados no período de 2003 a 2007 contaram com a ajuda direta e constante dos alunos do Programa, sem os quais não teria sido possível organizar todas essas atividades. Nos anos de 2008 a 2011, O *Núcleo de Estudos em Sociologia, Filosofia e Historia das Ciências da Saúde* que já existia desde o ano 2001 finalmente se consolidou e fortaleceu. Também nesses anos organizamos junto com os membros do Núcleo uma serie de atividades, palestras, reuniões de discussão com colegas de outras Universidades, estimulamos a realização de pesquisas e publicações conjuntas consolidando parcerias que continuam até hoje.

Destaco aqui alguns dos Eventos organizados até o ano 2007/2008 como Coordenadora do Programa e os Eventos realizados nos anos 2008 a 20011 como atividades organizadas pelo Núcleo de pesquisa que coordeno. Os Simpósios A

*medicalização do sofrimento* e *A Vida Medicada* tiveram continuidade num evento organizado mais tarde, no ano 2013. Esses eventos organizados conjuntamente com alunos e colegas do Programa, entre os anos 2002 e 2011, foram:

### **Organização de eventos**

CAPONI, S. *Ciclo de Palestras de Epistemología e História das Ciências da Saúde do Professor Gerard Jorland (EHESS)*, 2002.

LUZ, M., CAPONI, S., VERDI, M.. **III Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde**, 2005. (Congresso)

CAPONI, S., VERDI, M., BLANK, V, **I Simpósio Catarinense de Saúde Coletiva**, 2002 (Simpósio)

CAPONI, S., VERDI, M., PERES, M, **II Simpósio Catarinense de Saúde Coletiva**, 2004 (Simpósio)

CUPANI, A, CAPONI, S., CAPONI, G., KRAUZ, Decio. **V Encontro de Filosofia e História da Ciência**, 2006. (Congresso)

CAPONI, S., VERDI, Marta, PERES, Marco Aurelio, **I Congresso Catarinense de Saúde Coletiva**, 2006. (Congresso)

CAPONI, S, VERDI, Marta, **II Congresso Catarinense de Saúde Coletiva**, 2008. (Congresso)

CAPONI, S., BITTENCOURT, S., POLI, P.. **Medicalização do Sofrimento**, 2007. (Simpósio)

CAPONI, S., VERDI, M.. **A vida medicada: ética, saúde pública e indústria farmacêutica**. 2009. (Simpósio)

Tratava-se de incentivar e consolidar uma linha de estudos em ciências humanas e saúde coletiva que já tinha uma longa e rica trajetória no Brasil. Foi nisso que empenhei todo meu trabalho como docente, pesquisadora e orientadora de mais de 25 teses e dissertações que foram defendidas nesses anos.



Acredito que as pesquisas realizadas no período em que trabalhei no CCS (até o ano 2012), muito me auxiliaram para organizar minha prática docente e para subsidiar o trabalho de orientação. Nesse período foram orientadas e defendidas vinte Dissertações de Mestrado, duas no Mestrado em Ciências Médicas, sendo as outras no Mestrado em Saúde Pública. Também foram defendidas por meus orientandos, duas Teses de Doutorado, no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas sobre temas específicos de Ciências Sociais e Saúde.

Devo destacar que algumas dessas defesas foram realizadas quando eu já estava trabalhando no Departamento de Sociologia e Ciências Políticas, após minha solicitação de transferência realizada no segundo semestre de 2011 e concretizada no primeiro semestre de 2012. Dedicarei um apartado deste Memorial a explicar as razões de minha solicitação de transferência de lotação para outro Departamento da UFSC. Enumerarei a seguir as Teses e Dissertações defendidas por meus orientandos desde meu ingresso ao Departamento de Saúde Coletiva até o ano 2011 (momento em que solicitei transferência de lotação):

#### **Teses de Doutorado defendidas**

Paulo Poli Neto. *Encontros no centro de Saúde: a medicina de Família e Comunidade e o sofrimento Social*. 2011. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina

Silvia Cardozo Bittencourt. *A “bíblia da farmacologia” e os antidepressivos: Análise dos livros-texto “Goodman e Gilman - As Bases farmacológicas da terapêutica” de 1941 a 2006*. 2010. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina

#### **Dissertações defendidas**

Ana Carolina Cicarino Fantinato. *O alcoolismo: modelos explicativos e terapêuticos em conflito*. 2011. Dissertação (Mestrado Em Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

Fernanda Lazzari Freitas. *Tristeza e depressão: análise do discurso dos médicos psiquiatras de um município de Santa Catarina*. 2011. Dissertação (Mestrado Em Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

Giovana Bacilieri Soares. *A depressão em pauta: análise do discurso midiático*. 2009. Dissertação (Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

Fabíola Stolf Brzozowski. *Transtorno de déficit de atenção com hiperatividade: medicalização, classificação e controle dos desvios*. 2009. Dissertação (Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

Patricia Martins. *Hanseníase, exclusão e preconceito: histórias de vida de mulheres em Santa Catarina*. 2008. Dissertação (Mestrado Em Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

Juliano Tibola. *Pesquisas multicênticas com medicamentos pediátricos: um estudo de caso a partir da bioética*. 2008. Dissertação (Mestrado Em Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

André Justino. *A mídia e o episódio de chagas agudo em Santa Catarina*. 2007. Dissertação (Mestrado em Saude publica) - Departamento de Saúde Pública

Maria Lucia Bueno. *Fragmentos do pensar e do agir dos atores sociais envolvidos com o processo de reforma psiquiátrica: um estudo sobre o município de Joinville - SC.*. 2006. Dissertação (Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

Mariangela Cavalazi. *O uso da fitoterapia na atenção básica de saúde: um estudo sobre a comunidade do norte da ilha de Santa Catarina*. 2006. Dissertação (Ciências Médicas) - Universidade Federal de Santa Catarina

Paulo Poli. *A medicalização da beleza*. 2005. Dissertação (Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

Rosana Shmith. *Um estudo referido á epidemia de hantavirose no estado de Santa Catarina*. 2005. Dissertação (Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

Armando Herberto Heldwein. *A historia do hospital de caridade de Florianópolis*. 2004. Dissertação (Mestrado Em Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

Fernanda Rebelo. *Bad blod:sangue e sífilis na penitenciária de Florianópolis (1930-1940)*. 2004. Dissertação (Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

Carlos Medrano. *Do silêncio ao brincar: a sala de jogo nos hospitais*. 2003. Dissertação (Mestrado Em Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

Antonio Fernando Barreto Miranda. *Historia da Aids em Santa Catarina: características de uma epidemia*. 2003. Dissertação (Ciências Médicas) - Universidade Federal de Santa Catarina

Emerich Lentz Martins. *Bioética e morte materna*. 2002. Dissertação (Mestrado Em Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

Cristine Maria Warmiling. *Dos práticos à institucionalização da odontologia (um estudo histórico da saúde bucal em Blumenau)*. 2002. Dissertação (Mestrado Em Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

Elizabeth Correirão. *O estatuto da criança e do adolescente*. 2002. Dissertação (Mestrado Em Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

19. Silvia Cardoso Bittencourt. *Plantas medicinais: entre o conhecimento popular e o conhecimento científico - estudo de caso de dois laboratórios de produção de fitoterápicos*. 2001. Dissertação (Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

Miriam Lago. *Redução de danos: uma questão de bioética*. 1999. Dissertação (Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina.

Como sabemos, o trabalho de um docente universitário não se restringe à pós-graduação, também deve estar articulado com os cursos de graduação. O que foi dito sobre ensino e pesquisa também se aplica à graduação. Ali também fui fiel à minha convicção de que ambas as coisas devem caminhar juntas. Durante 10 anos ministrei a disciplina *Saúde e Sociedade* no curso de graduação de Farmácia, uma disciplina do Departamento de Saúde Pública. Levei essa tarefa a sério e comecei a pesquisar temas

específicos sobre medicamentos e indústria farmacêutica, produzindo diversos *papers*, orientando diversos trabalhos de especialização, mestrado e doutorado, sendo que 5 (cinco) dos meus orientandos de mestrado e doutorado são do departamento de Farmácia.

Particpei também ativamente do curso de especialização em farmácia dando continuidade às tarefas desenvolvidas na disciplina da graduação *Saúde e Sociedade*. Nesses anos (2010 se não me engano) foi aprovada a criação do Mestrado Profissional em Saúde Mental, uma proposta apresentada pelo Prof. Walter Oliveira que foi muito elogiada e bem recebida pela Capes.

Essa foi uma excelente notícia para mim. Ocorreu que minha pesquisa dedicada a Medicina Tropical já estava encerrada. De fato poderia ter continuado por esse caminho considerando a imensa quantidade de documentos que eu já tinha coletado e que ainda permanece inexplorado.

Porem, eu tinha muita vontade de explorar outros temas que meus alunos, provenientes de diversas áreas da saúde como medicina, enfermagem ou farmácia, viam com crescente preocupação. Esses novos temas já não estavam vinculados com as doenças contagiosas, nem, com os trópicos, mas sim com a saúde mental.

## **2. A medicalização dos fatos sociais**

Vários dos alunos que trabalhavam na rede pública de saúde, seja nos postos de saúde ou nas policlínicas, manifestavam sua preocupação perante o que consideravam um crescimento inexplicável de diagnósticos pouco claros e inespecíficos, tais como os diagnósticos de ansiedade e depressão. Eles observavam que vários fatos sociais que produziam sofrimento estavam sendo desconsiderados no momento de realizar um diagnóstico que se limitava a detectar sintomas. Pareceu-me particularmente estranho o uso que os profissionais de saúde deviam fazer dos Manuais de diagnóstico como o Manual de Estatística e Diagnóstico de Transtornos mentais (DSM) e o CID 10. E fiquei estarecida ao descobrir o caráter impositivo e a impossibilidade de realizar questionamentos sobre as estratégias diagnósticas definidas pelos Manuais de diagnóstico utilizados.

Abria-se assim uma nova linha de pesquisa, novos estudos genealógicos que estariam direcionados agora para o campo da saúde mental. Assim no período de 2006 a 2012, foram aprovados por CNPq dois projetos de pesquisa na área de Saúde Mental, tema com o qual continuo trabalhando até hoje, agora com um terceiro projeto que explicitarei posteriormente.

No ano 2006 iniciei o projeto de pesquisa denominado, *Da herança à localização cerebral: Uma história do determinismo biológico na explicação de condutas*. Com esse projeto tratava-se de analisar a tendência crescente a construir explicações biológicas para comportamentos considerados como socialmente indesejáveis, tais como o alcoolismo, a violência, a tristeza ou a depressão. Particular atenção foi dada ao que se considera como “infância problemática”, associada a diagnósticos como TDAH (Distúrbio de Déficit de Atenção) ou TOD (Transtorno Opositor Desafiador). A proposta para analisar essas questões de nosso presente, foi, mais uma vez, o uso da história das ciências. Como diversos autores já apontaram, Lewontin, Gori, Pignarre, Uttal, dentre outros, são muitas as semelhanças e articulações existentes entre as afirmações que caracterizaram grande parte do discurso da Higiene e da Medicina Legal de finais do século XIX e início do XX – referido à hereditariedade mórbida e à localização cerebral dos transtornos mentais – com as atuais explicações biológicas para comportamentos e patologias mentais.

Resulta difícil desconsiderar que, desde os anos de 1990 (particularmente desde o ano 1994, ano de publicação do DSM-IV), temos visto reaparecer, com força inesperada, estudos que a partir das neurociências, a genética e a sociobiologia, têm retomado as velhas preocupações referidas às “condutas indesejadas”, criando novas estratégias explicativas, baseadas no determinismo biológico clássico. Esta persistência de um século de explicações biológicas para as condutas ou para os fenômenos existenciais não pode ser facilmente reduzida à história da progressiva conquista na localização de lesões orgânicas, distúrbios cerebrais ou deficiências químicas, nem à identificação de genes responsáveis pelas doenças. As patologias associadas a comportamentos possuem ainda hoje, como no início do século, diagnósticos ambíguos e imprecisos, terapêutica de eficácia duvidosa e efeitos colaterais imprevisíveis.

Este projeto estava articulado entorno a dois grandes objetivos, um histórico e outro atual: (a) analisar os diferentes argumentos utilizados para justificar o recurso a explicações biológicas das condutas indesejadas, no início do século XX, pelos higienistas, médicos e psiquiatras, cujas explicações estavam centradas na hereditariedade e conseqüentemente no caráter orgânico e inato dos desvios. (b) Analisar os diferentes argumentos utilizados para justificar as explicações biológicas de condutas consideradas indesejadas que aparecem nos recentes estudos de medicina, sociobiologia, genética e neurociência.

No ano 2009, encerrei o projeto anterior e iniciei o segundo projeto referido aos estudos genealógicos dedicados à saúde mental, agora direcionado mais especificamente às explicações biológicas e reducionistas referidas aos sofrimentos psíquicos. Este segundo projeto se denomina: *Um estudo sócio-histórico da Medicalização do sofrimento*. Objetivava analisar, a partir da perspectiva teórica iniciada por Foucault e Canguilhem e hoje continuada por outros autores, a construção das atuais estratégias de medicalização do sofrimento. Seguindo a Ian Hacking, denominamos esse conjunto de estratégias de construção da subjetividade como *mil e uma formas de modelar as pessoas*. Com isso tratava-se de focalizar nosso interesse na relação que existe entre o conhecimento científico e os diversos modos de produzir subjetividades em nossa modernidade tardia.

Esse projeto apresentava dois grandes objetivos a partir dos quais foi direcionada a pesquisa: (a) Analisar de que modo foram historicamente medicalizados sofrimentos que fazem parte da condição humana e, conseqüentemente, de que modo foram definidos certos modos de ser sujeito (classificações de pessoas) a partir dos diversos diagnósticos psiquiátricos que foram criados, multiplicando-se consideravelmente nos últimos anos (depressão, TDAH, transtornos de ansiedade). (b) Analisar as estratégias médicas, terapêuticas, sociais e farmacológicas que permitem a constante criação de novas classificações diagnósticas (pânicos, fobias) incluídas na ampla categoria de transtornos de ansiedade.

Na medida em que os temas de pesquisa destes dois projetos estavam estreitamente vinculados, e para facilitar a exposição dos resultados em este Memorial, apresento a seguir os artigos publicados como resultado destas duas pesquisas financiadas por CNPq, entre os anos 2006 e 2011. Acrescento também estudos

realizados nesse período com alunos ou colegas que direta ou indiretamente estão vinculados com essa linha de trabalho e que também foram publicados nesses mesmos anos. Darei a este grupo de trabalhos o nome de:

**Estudos genealógicos IV: a medicalização dos fatos sociais.**

**Artigos publicados em periódicos:**

CAPONI, S. *Viejos y nuevos riesgos: en busca de otras protecciones*. Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ). , v.23, p.7 - 15, 2007.

CAPONI, S. *Sobre la aclimatación: Boudin y la geografía médica*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos. , v.14, p.13 - 38, 2007.

REBELO, Fernanda, CAPONI, S. *O gabinete do doutor Edelvito Campelo D'Araújo: a Penitenciária Pedra Grande como espaço de construção de um saber (1933-1945)*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos. , v.14, p.1217 - 1238, 2007.

POLI NETO, P., CAPONI, S. *A medicalização da beleza*. Interface. Comunicação, Saúde e Educação. , v.11, p.569 - 584, 2007.

REBELO, Fernanda, CAPONI, S. *A medicalização do crime: a Penitenciária de Florianópolis como espaço de saber e poder (1933-1945)*. Interface. Comunicação, Saúde e Educação. , v.11, p.193 - 206, 2007.

CAPONI, S. *Da herança à localização cerebral: sobre o determinismo biológico de condutas indesejadas*. Physis. Revista de Saúde Coletiva. , v.17, p.343 - 352, 2007.

CAPONI, S. *Epistemologia, Historia de las ciencias y saber médico*. Episteme (Porto Alegre). , v.11, p.49 - 71, 2007.

CAPONI, S. *RESENHA A saúde persecutória: os limites da responsabilidade*. Cadernos de Saúde Pública (FIOCRUZ). , v.vol.24, p.1194 - , 2008.

CAPONI, S. *Un análisis epistemológico del diagnóstico de depresión*. Interface. Comunicação, Saúde e Educação. , v.14, p.1807-5762 - , 2008.

Bueno, Maria Lúcia da Silva, CAPONI, S. *A construção do discurso dos sujeitos envolvidos com o processo de reforma psiquiátrica: um estudo sobre o município de Joinville/SC*. Interface. Comunicação, Saúde e Educação. , v.13, p.137 - 150, 2009.

CAPONI, S. *Clima, cerebro y degeneración en Cabanis*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Impresso). , v.16, p.961 - 981, 2009.

Caponi, S. *Michel Foucault e a persistência do poder psiquiátrico*. Ciência



& Saúde Coletiva. , v.14, p.95 - 103, 2009.

CAPONI, S. *Para una genealogía de la anormalidad: la teoría de la degeneración de Morel*. Scientiae Studia (USP). , v.7, p.75 - 95, 2009.

BRZOZOWSKI, F. S., Brozozowski, Jerzy, CAPONI, S. *Classificações Interativas: o caso do Deficit de atenção com Hiperatividade*. Interface (Botucatu. Impresso). , v.4, p.401 - 414, 2010.

BARONI, D., CAPONI, S. *Diagnóstico como nome próprio*. Psicologia e Sociedade (Impresso). , v.22, p.70 - 77, 2010.

CAPONI, S. *Emil Kraepelin e o problema da degeneração*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Impresso). , v.17, p.475 - 495, 2010.

BITTENCOURT, S., CAPONI, S. *Ética da responsabilidade e uso de medicamentos para transtorno de déficit de atenção e hiperatividade*. Revista Brasileira de Ciência, Tecnologia e Sociedade. , v.1, p.<http://www.revi> - , 2010.

CAPONI, S. *Georges Canguilhem: del cuerpo subjetivo a la localización cerebral*. Salud Colectiva. , v.6, p.149 - 163, 2010.

CAPONI, S., MARTINS, P. *Hanseníase, exclusão e preconceito: histórias de vida de mulheres em Santa Catarina*. Ciência e Saúde Coletiva (Impresso). , v.15, p.1047 - 1054, 2010.

LIMA, A. C. C., MINELLA, L. S., CAPONI, S. *Reflexões sobre as disputas das comunidades científicas pela regulação do campo psi*. Revista Mal-Estar e Subjetividade (Impresso). , v.X, p.37 - 61, 2010.

CAPONI, S. *RESENHA: O corpo e seus senhores. homem, mercado e ciência: sujeitos em disputa pela posse do corpo e mente humana.* Cadernos de Saúde Pública (ENSP. Impresso). , v.26, p.1465 - 1466, 2010.

LIMA, A. C. C., CAPONI, S. *A força tarefa da psiquiatria do desenvolvimento*. Physis (UERJ. Impresso). , v.21, p.1315 - 1330, 2011.

CAPONI, S. *A hereditariedade mórbida: de Kraepelin aos neokraepelinianos*. Physis (UERJ. Impresso). , v.21, p.833 - 852, 2011.

CAPON, S. *As classificações psiquiátricas e a herança mórbida*. Scientiae Studia (USP). , v.9, p.20 - 40, 2011.

SOARES, G. B., CAPONI, S. *Depressão em pauta: um estudo sobre o discurso da mídia no processo de medicalização da vida*. Interface (Botucatu. Impresso). , v.15, p.437 - 446, 2011.

CAPONI, S. *Genética e Saúde Coletiva: a persistência das explicações deterministas*. Physis (UERJ. Impresso). , v.21, p.791 - 794, 2011.



CAPONI, S. *Magnan e a classificação de patologias psiquiátricas*. Revista Brasileira de História da Ciência. , v.4, p.167 - 182, 2011.

As publicações referenciadas acima correspondem ao período compreendido entre os anos 2007 e 2011. Os projetos que surgiram nos anos seguintes tem sequência temática com os estudos aqui elencados. Porém, ainda que exista uma importante continuidade nos problemas abordados, com a finalidade de construir este Memorial respeitando a cronologia dos fatos, as publicações realizadas nos anos de 2012 a 2014 serão apresentadas no próximo apartado. Do mesmo modo procedi em relação às Teses e Dissertações que foram defendidas por meus orientandos. A maior parte dos orientandos que defenderam entre os anos 2012 e 2014 participavam do Núcleo e de Projetos de Pesquisa que foram aprovados antes do ano 2012. Apresentarei no próximo capítulo as defesas realizadas no período de 2012 a 2014.

## SAINT MANDÈ E A SAIDA DE SAÚDE PÚBLICA

### 1. Paris, mais uma vez

No primeiro semestre do ano 2011 Gustavo e eu decidimos realizar nosso segundo Pós-doutorado. No meu caso, eu tinha ganhado uma bolsa de Pós-doutorado Sênior da CAPES por seis meses para realizar minha pesquisa na EHES- Paris (École des Hautes Études en Sciences Sociales) com o Professor Gerard Jorland. Sendo que minha pesquisa de Arquivos seria realizada na BIUM (Bibliothèque Interuniversitaire de Santé), pois os Arquivos que procurava não se encontravam na grande biblioteca digital que possui essa Instituição.

Tinham passado já dez anos do momento em que saímos para realizar nosso primeiro Pós-doutorado, no ano 2000. As condições familiares tinham mudado. Mauro já não era um aluno de ensino fundamental, mas sim um estudante do curso de Letras da UFSC. Ele queria muito ir para Rosário para realizar um intercambio de seis meses no curso de literatura argentina da UNR. Para nós, esse seria o momento ideal para poder realizar esse Pós-doutorado que, por razões familiares ou profissionais, acabamos sempre postergando. Assim, no mês de março de 2011, voltamos a Paris. Novamente ficamos em Saint Mandé, aquele bairro onde tínhamos sido tão felizes dez anos antes. Achamos um apartamento belíssimo a duas ruas do Bosque de Vincennes, um dos locais mais bonitos de Paris. Perante o dia pesquisávamos nas bibliotecas, escrevíamos e participávamos das atividades acadêmicas e no fim do dia podíamos caminhar e percorrer a cidade.

Novamente trabalharia com Gerard Jorland quem acabava de publicar um livro pela Editora Galimard chamado *Une société à Sognier*, que recebeu uma excelente crítica. Trata-se de uma pesquisa muito extensa e minuciosa sobre as intervenções da higiene e da medicina legal nas populações urbanas, centrando-se nos estudos dos higienistas do século XIX. Tudo a ver com o que eu queria pesquisar. Ele tinha trabalhado muito o papel dos estudos estatísticos nos diferentes planos de intervenção social desde a época de Villarmé e seu interesse pela saúde do trabalhador, apresentando também interessantes reflexões sobre a redefinição de uma classificação estatística de

patologias mentais. Apresentei-lhe meu projeto de pesquisa, *A emergência da psiquiatria ampliada: da degeneração às estatísticas psiquiátricas*, que ele aceitou com bastante entusiasmo. Iniciou-se assim o segundo estágio de longa duração em Paris, agora na EHESS-Paris.

Com esse projeto eu pretendia analisar o modo como historicamente surgiram as diversas classificações nosológicas para tratar sujeitos que, mesmo não sendo pacientes psiquiátricos, foram considerados como mentalmente doentes pelo fato de realizar certos comportamentos o por padecer algum tipo de sofrimento psíquico.

Hoje existe um amplo leque de categorias diagnósticas que tende a medicalizar esses sofrimentos cotidianos que, tempo atrás, eram considerados como constitutivos da condição humana. Essa pesquisa apresentava três ambiciosos objetivos: (1) analisar a constituição e difusão do conceito de degeneração na segunda metade do século XIX e seu papel na construção da psiquiatria ampliada; (2) discutir o surgimento, consolidação e difusão das estatísticas psiquiátricas na segunda metade do século XIX e seu papel na construção da epidemiologia psiquiátrica e da psiquiatria preventiva; (3) revisar as diversas estratégias utilizadas para classificar patologias psiquiátricas e as mudanças ocorridas nas classificações nosológicas, na segunda metade do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, para as ditas personalidades anormais. Evidentemente não foi possível esgotar os três objetivos em alguns meses, mas de fato esse projeto faz parte de um projeto maior que ainda continua em andamento, isto é nunca pretendi esgotar ou dar respostas definitivas para essas grandes questões.

Nessa oportunidade, além de participar regularmente das aulas do Professor Jorland, participei de algumas conferencias ministradas na EHESS ou na Sorbonne por pesquisadores como Jacques Donzelot, Judith Revel, Daniel Defert e Jean-Cristofhe Coffin. Tive encontros com outros pesquisadores do Instituto Koyré e do Centre Canguilhem, como com os Professor Jean Gayon e Claude-Olivier Doron, com os quais tive a oportunidade de discutir minha pesquisa.

Nessa oportunidade realizei também uma pesquisa na Biblioteca de medicina de Paris, onde achei o que eu considero uma verdadeira joia. Os documentos e atas onde se relata a discussão do que foi a *Primeira classificação universal de patologias psiquiátricas*. Essas Atas do Segundo Congresso Internacional de Medicina Mental,

realizado em Paris em 1898, me levaram a procurar outros documentos e outras publicações dos anos anteriores, seções de discussão e artigos publicados em periódicos que relatavam o debate que, por vários anos, os pesquisadores de diferentes países do mundo tiveram antes de chegar a esse Segundo Congresso onde seria definida, por consenso, uma proposta unificada. Dois artigos surgiram da pesquisa realizada nesses meses em Paris, ambos publicados em duas Revistas da Espanha muito destacadas na área de História da Medicina. Um desses artigos foi publicado na Revista *Frenia* de Madrid e o outro na Revista *Dynamis* de Granada como será detalhado mais tarde neste Memorial.

Novos vínculos acadêmicos foram estabelecidos nesses seis meses, particularmente com os Professores Olivier Doron e Jean-Christoffe Coffin com os quais iniciamos um trabalho de intercâmbio que deu lugar a um projeto conjunto que, posteriormente, no ano 2012, apresentamos para a Sorbonne.

Mauro aproveitava seu estágio em Rosário e iniciava sua vida de estudante de convenio na mesma Universidade onde Gustavo e eu tínhamos feito nossa graduação.

Tudo parecia estar muito bem. Eu estava feliz com os documentos que tinha achado e minha pesquisa estava dando rápidos e bons frutos. Paralelamente continuava com meu trabalho de orientação, tentando também fortalecer o *Núcleo de pesquisa em Sociologia, Filosofia e História das Ciências da Saúde* criando vínculos e parcerias com outros Centros e com outros Núcleos de pesquisa, com maior trajetória e reconhecimento, como o *Centre Canguilhem*.

A seguir serão elencadas exclusivamente às publicações decorrentes do projeto apresentado para o Pós-doutorado Sênior. Diretamente vinculadas a esse projeto foram publicados três artigos, um capítulo e livro e também foi publicado um livro pela editora Fiocruz cuja última versão foi corrigida em 2011. Esse livro terá uma segunda reimpressão no ano 2014. No próximo Capítulo deste memorial serão agrupadas as publicações realizadas no ano 2012 a 2014, excluindo as publicações aqui elencadas. Agruparei aqui a produção científica desse breve período de 2011 a 2012 sob o nome:

## **Estudos genealógicos V: O conceito de degeneração e as classificações psiquiátricas.**

### **Artigos publicados em periódicos**

CAPONI, S. *Para una Estadística Universal: um debate sobre la primera clasificación internacional de enfermedades mentales (1888-1889)* . Ver. Frenia (Madrid) V. XI p 67-88, 2011.

CAPONI, S. *Clasificaciones, acuerdos y negociaciones: bases de la primera estadística internacional de enfermedades mentales*. Dynamis (Granada). , v.32, p.185 - 207, 2012.

CAPONI, S. *Clasificar y medicar: la gestión biopolítica de los sufrimientos psíquicos*. INTERthesis (Florianópolis). , v.9, p.101 - , 2012.

### **Capítulos de livros publicados**

CAPONI, S. *L'idée de dégénération dans les rapports du physique et du moral de l'homme* In: Les Lumières et l'idée de nature ed.Dijon : Editions Universitaires de Dijon, 2011

### **Livro publicado**

CAPONI, S  
*Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada*. Ed.Fiocruz Rio de Janeiro: 2012.

## **2.A saída do Departamento de Saúde Pública**

Dedicarei este apartado a explicar as razões que me levaram a solicitar transferência do Departamento de Saúde Pública (CCS) para o Departamento de Sociologia e Ciências Políticas (CFH) da UFSC. Considero que esse não é um fato banal na carreira acadêmica de nenhum professor. Por essa razão deverei apontar aqui as questões e os problemas centrais que me obrigaram a tomar essa decisão que não foi nem um pouco simples.

Para entender essa dificuldade é preciso considerar minha inserção na área a nível nacional, tanto como subcoordenadora (nesse momento) da área de Ciências Sociais e Humanas em Saúde da Associação Brasileira de Saúde Coletiva-ABRASCO, como avaliadora de Programas da área na CAPES, como membro da comissão de escolha da Melhor Tese em saúde coletiva-CAPES, como avaliadora de auxílios a

projetos e bolsas para CNPq e CAPES, assim como também como membro de comitê editorial, avaliadora ad hoc e editora associada em diversas publicações nacionais na área de Saúde Coletiva. De fato, sair do Departamento de Saúde Coletiva, também poderia significar para mim perder o prestígio e o respeito conquistado em 15 anos de trabalho a nível nacional nessa área.

No entanto, nesses anos as coisas tinham mudado muito. Quando cheguei em 1997 era necessário fortalecer o Departamento criando uma pós-graduação, mais tarde, entre os anos 2001 e 2003 (enquanto era coordenadora de Programa) era imperativo consolidar o Programa que tinha o sério risco de ganhar um conceito dois (2) pela CAPES. Logo, no período de 2003 a 2007 (meu segundo período na coordenação do Programa), era necessário atingir o conceito quatro (4) para poder dar continuidade ao trabalho iniciado, abrindo o doutorado.

Em 2011, ano em que realizei meu pós-doutorado, já não existia nenhum desses riscos. O Programa tinha atingido o conceito cinco (5), e o tão desejado Doutorado em Saúde Coletiva tinha suas primeiras turmas em andamento. Paralelamente, muitos dos velhos colegas tinham começado a se aposentar, ingressando ao Departamento professores com um novo perfil, muito produtivos, mas concentrados nas áreas de Epidemiologia e Avaliação de sistemas de saúde e, claro, sem nenhum interesse pelas ciências humanas.

Paralelamente minha situação no ensino de graduação tinha ficado bastante complicada. Infelizmente, a disciplina que eu tinha ministrado por muitos anos na graduação da Farmácia, *Saúde e Sociedade*, estava a ponto de ser extinta, por motivos alheios ao Departamento de Saúde Pública. E foi nesse momento que começaram a aparecer as dificuldades. Pois, por ser minha formação na área de Ciências Humanas, minha inserção no ensino de graduação do CCS não era nada fácil, ainda mais quando se havia começado a exigir que os professores de disciplinas como *Saúde e Sociedade* dedicassem parte de sua carga horária à inserção comunitária dos alunos nos Postos de saúde. Para meus colegas médicos, enfermeiros ou dentistas, essa era uma rotina perfeitamente normal, tratava-se de coordenar estágios nos postos. Porém, eu careço da formação técnica e da experiência profissional que, em geral, se requer para poder

desenvolver seriamente essa tarefa, como era publico e notório para todos desde o momento em que ingressei no Departamento, lá no ano 1997.

Perante essa dificuldade para exercer meu trabalho no ensino graduação, em diversas oportunidades eu já tinha manifestado meu interesse em oferecer disciplinas optativas. No entanto, todas minhas demandas destinadas a criar disciplinas optativas de ciências sociais e saúde ou de bioética para os alunos das diversas graduações do CCS, assim como todas minhas solicitações para ministrar disciplinas obrigatórias ou optativas em outros centros da UFSC (particularmente no Centro de Ciências Humanas) já tinham sido sistematicamente negadas pelos chefes do Departamento de Saúde Pública em diferentes oportunidades.

Logicamente deveria procurar uma nova disciplina na graduação para poder fechar meu PAAD, como sempre tinha feito. Eu tinha pouca ou nenhuma esperança de poder ministrar uma disciplina minimamente próxima a minha área de estudos. Deveria ministrar uma ou duas disciplinas no Curso de Medicina. Tratava-se na verdade de ministrar uma disciplina centrada nas políticas e programas do SUS, para turmas que não tinham nenhum interesse nas ciências humanas. Essa era uma tarefa completamente alheia ao campo de pesquisa no qual tinha investido (não só eu, mas também, a CAPES, o CNPq e a UFSC) muitos anos e muitos recursos.

Considerarei que esse seria um ônus bastante complicado, mas acreditei que esse ônus poderia ser equilibrado com a possibilidade de continuar trabalhando na pós-graduação. Isto é continuar ministrando as disciplinas que tantas satisfações tinham deixado para mim até esse momento. Continuar ministrando conteúdos de epistemologia, sociologia e historia das ciências da saúde ou de bioética. A pós-graduação parecia ser o único espaço que restava para dar continuidade a minha carreira docente integrando ensino e pesquisa, tal como tinha ocorrido desde meu ingresso ao SPB no ano 1997. Nesse contexto, as aulas na medicina deveriam ser vistas como uma obrigação necessária e inevitável para poder dar continuidade a minha carreira docente.

No entanto, um novo discurso tinha se instalado entre os professores enquanto eu realizava meu Pós-doutorado em Paris. Já não se tratava de aumentar a produção do grupo como um todo, agora parecia que uma área, justamente a área de ciências humanas, era a que impedia que o Programa atingisse os patamares de excelência

desejados. O novo objetivo do grupo era atingir conceito seis (6) ou sete (7) pela CAPES, com a finalidade de transformar-se em um Programa de excelência, fato que permitiria o ingresso de maiores recursos.

Os velhos debates epistemológicos, degradados a um nível inusitado de conversa de boteco, resurgiam do mais remoto do baú do passado: a oposição ciências duras ou quantitativas e os saberes brandos ou qualitativos, a oposição entre a verdadeira ciência, publicada em inglês em revistas de impacto, e uma ciência menor publicada em revistas nacionais. Uma briga sem sentido que se trasladava aos alunos em algumas disciplinas obrigatórias quando se exigia a todos a aplicação de uma metodologia comum, tal como definir critérios de inclusão e exclusão, ou outros requisitos completamente alheios ao campo das Ciências Sociais.

Pouco a pouco as coisas ficavam claras para mim. Meu trabalho que tinha sido muito valorizado por muitos anos no Departamento, e mais claramente ainda na área de saúde pública em nível nacional, agora tinha deixado de ter interesse para meus colegas que pareciam ter como meta criar um Programa de Saúde Pública centrado na epidemiologia e nos estudos quantitativos de avaliação.

Nesse contexto eu pretendia continuar falando, ingenuamente, de história e de epistemologia, pretendia fazer a crítica ao reducionismo biologista de comportamentos sociais, analisar os dispositivos de saber-poder que operam nos diversos espaços de medicalização social. Assim, quando eu propunha um questionamento sobre o discurso hegemônico referido à proliferação de riscos estatisticamente definidos na sociedade contemporânea, isso era entendido como um ataque aos professores das disciplinas de epidemiologia. Cada uma das linhas de reflexão e análise crítica que foram desenvolvidas até esse momento (ano 2011) – que tantas portas tinham aberto para mim no Brasil e no exterior – pareciam ter-se transformado em um exercício inútil para o qual as portas se fechavam cada vez mais no Departamento de Saúde Pública da UFSC.

Assim, enquanto realizava meu Estágio de Pós-doutorado Sênior em Paris, as disciplinas que eu tinha ministrado por muitos anos no Programa de Pós-graduação de Saúde Coletiva, *Fundamentos teóricos da saúde coletiva* (Antes denominada *Introdução Histórico filosófica às ciências da saúde*) e *Bioética*, deixavam de ser consideradas disciplinas obrigatórias. As disciplinas saíram da grade curricular, sem que



mediasse nenhum tipo de consulta para saber que era o que eu pensava dessas alterações. Simplesmente eu recebia um atrás outros emails que se limitavam a informar à totalidade dos Professores do grupo (eu incluída) as decisões que já tinham sido tomadas e votadas em colegiado, decisões sobre as quais pouco podia opinar a distancia, pois desconhecia os termos em que elas tinham sido tomadas.

Desse modo, foi decidido que a disciplina *Fundamentos teóricos da Saúde Coletiva* devia sair da grade curricular e ser substituída por uma disciplina centrada exclusivamente em três autores clássicos da sociologia: Weber, Marx e Durkheim. Os novos conteúdos impostos representavam um verdadeiro retrocesso, os clássicos da sociologia mencionados (a exceção de Durkheim e o suicídio) pouco falaram sobre complexa articulação entre ciências sociais e saúde. De fato a sociologia da saúde só começará a existir como um espaço de reflexão e discussão após a segunda guerra mundial, mais especificamente no ano 1951, com o conceito de *Sick role* cunhado pelo sociólogo americano Talcott Parsons.

A nova disciplina que foi criada na minha ausência levava o estranho e tautológico nome de *Ciências Sociais, Saúde e Sociedade*. Essa disciplina que substituiu *Fundamentos teóricos da Saúde Coletiva*, devia estar inteiramente direcionada para o ensino dos três clássicos da sociologia, Marx, Weber e Durkheim. Cabia a mim ministrar essa disciplina, pois seria a única obrigatória específica da área de ciências sociais. Por ser a única professora do Programa graduada na área de ciências humanas, e considerando minha dificuldade para alocar carga horária de ensino em graduação, eu teria que aceitar essa tarefa, ainda que discordasse da abordagem proposta.

Minha única manifestação realizada desde Paris foi pedir para uma colega que, por favor, encaminhasse ao colegiado minha proposta de ministrar esse conteúdo em um bloco temático deixando um segundo bloco para discussão de questões contemporâneas de debate no campo da saúde coletiva. Porém, o colegiado não aprovou minha proposta excluindo o conteúdo referido a debates contemporâneos.

Isto significava que todas as questões que eu pesquiso e trabalho, seja em perspectiva histórica ou na sociedade atual, deveriam ser excluídas da disciplina que eu deveria ministrar. O colegiado já tinha definido quais seriam os autores que ficariam no Plano da disciplina e também aqueles que seriam excluídos. Foucault e Canguilhem

deveriam sair, por razões que desconheço. Também tinha sido definida a modalidade de aula, a disciplina deveria estar articulada em torno a Seminários dos alunos. Só ficava lugar para uma aula de três horas destinada a apresentar uma breve história da saúde coletiva que não seria expositiva, mas organizada também sob a forma de Seminários. Assim, tanto o conteúdo como o modo de ministrar as aulas foram definidos na minha ausência.

Cada vez que eu manifestava meu desconcerto pelo que considero uma séria intromissão na liberdade de cátedra, repetia-se até o cansaço, que eu era livre para ministrar uma disciplina optativa onde eu poderia falar de autores como Foucault e Canguilhem.

Os conteúdos que foram considerados irrelevantes para serem inseridos na única disciplina obrigatória de ciências humanas do Programa, tanto no Mestrado quanto no Doutorado, eram: relação público-privado na perspectiva de Hannah Arendt; os debates sobre biopolítica decorrentes dos estudos de Foucault; bioética e saúde coletiva; estigma e preconceito a partir da leitura de Erving Goffman; a problemática do risco na contemporaneidade as críticas de Robrt Castel e Luis Castiel; o conceito de saúde e sua relação com o normal e o patológico segundo Georges Canguilhem; o conceito de medicalização de Ivan Illich até Peter Conrad, dentre outros.

Paralelamente, eu continuava desenvolvendo minhas pesquisas, participando de mesas redondas, palestras e eventos, direta ou indiretamente vinculados com a área de ciências humanas e saúde, tanto no Brasil quanto no exterior. Foi assim que, no ano 2011 fui eleita vice-coordendora adjunta da área de Ciências Sociais e Humanas em Saúde da Abrasco (Associação Brasileira de Saúde Coletiva) o que considero como um reconhecimento ao trabalho realizado. Isto é, meu engajamento na linha de trabalho de sociologia, epistemologia e história da saúde foi muito além de algumas leituras que pudessem vir a servir de auxílio para dar algumas aulas, e meus colegas da área de Saúde Coletiva de Brasil reconheciam esse fato.

Perante as dificuldades que já tinham começado a surgir no ano 2008 no Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva (clima de competição, alteração do processo de seleção de mestrado, interferências e críticas às disciplinas que ministrava) e que logo se agravaram cada vez mais, solicitei credenciamento no Doutorado

Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. Nesse programa, já defenderam suas Teses quatro orientandos meus, existindo várias orientações em andamento. Porém, nem as aulas que eventualmente eu ministrava nesse Programa, nem minhas orientações podiam ser alocados como horas de ensino ou de orientação de meu PAAD, significando um imenso ônus e um desgaste pessoal desnecessário. Mesmo assim eu escolhi permanecer no DICH. Esse foi o único modo que achei para poder dar continuidade à articulação que até o momento tinha existido entre minhas pesquisas e as tarefas de ensino e orientação, considerando as dificuldades crescentes que se sucediam no PPGSC.

Considero ter contribuído a consolidar e fortalecer o Programa de pós-graduação em Saúde Coletiva. Porém, as regras desse contrato mudaram sem que eu tivesse uma voz autorizada para sugerir qualquer tipo de revisão ou alteração. Refiro-me particularmente ao interesse inicialmente existente, e logo inexistente, em fortalecer a linha de pesquisa de ciências sociais e humanas em saúde, integrando de algum modo esses conteúdos às disciplinas e possibilitando o ingresso de alunos de ciências humanas ao Programa.

Em esse contexto, minha situação envolvia não só questões acadêmicas, mas também questões pessoais, pois minha saúde estava sendo afetada, assim como minha capacidade de concentração e trabalho. Tive a sorte de poder olhar para esse contexto tão adverso com certa distancia, possibilitada pelo fato de estar realizando atividades vinculadas ao estagio de pós-doutorado em Paris. Foi exatamente nesses seis meses que todas as alterações curriculares foram definidas, fato que teria um impacto direto na alocação de horas aula dos Professores. Foi essa distancia, sem dúvida, a que me permitiu tomar a difícil decisão de iniciar o desgastante e complicado processo de solicitação de transferência para o Departamento de Sociologia e Ciências Políticas da UFSC.

Quando retornei de Paris, no mês de setembro de 2011, comecei a coletar informações na Universidade, a pedir assessoria jurídica, a conversar com colegas de ciências humanas que já conheciam meu trabalho, para poder iniciar o processo de solicitação de transferência. Foram seis meses muito difíceis.

Após um processo de alguns meses, de muito desgaste emocional e físico, foi finalmente aprovada minha transferência para o Departamento de Sociologia e Ciências Políticas da UFSC. Essa transferência só foi possível porque contei com a ajuda de colegas que conheciam meu trabalho, fundamentalmente o Reitor, o Professor Prata, que por ter sido anteriormente Pró-reitor de Pós-graduação conhecia muito bem o trabalho que eu tinha realizado na coordenação do Programa. Também contei com a ajuda da Professora Roselane Neckel, nesse momento Diretora do CFH, e dos colegas Raúl Burgos, Luzinete Minela, Joana Pedro, Marcia Grissotti e Janice Tirelli, a eles ficarei eternamente grata pela imensa ajuda prestada nesse momento tão difícil da minha vida.

Sem dúvida, nesse complexo processo a ajuda de Gustavo foi mais que fundamental. Ele teve uma paciência infinita, acompanhando-me em cada uma das reuniões realizadas com o Pró-reitor, com o Reitor e com o Chefe de gabinete. Eu, que sempre tentei abrir meus caminhos laborais sem jamais ter que recorrer a “meu marido”, nesta oportunidade devi aceitar a ajuda de Gustavo, pois eu sentia que tinha perdido toda a capacidade de dar resposta ao que estava ocorrendo. Emagreci muitíssimo, tinha dificuldades para dormir (coisa que jamais tive, nem voltei a ter) e me sentia absolutamente incapaz para lidar com essa situação sozinha.

Um dia parecia que todo estava resolvido, outro dia a pró-reitoria de graduação recomendava que era melhor voltar para Saúde Pública, outro dia sugeriam solicitar um atestado médico por depressão. Sempre me neguei a seguir esta indicação, pois eu sabia que o problema não era meu, não era falta de serotonina, nem de noradrenalina, eu sabia que a única solução era sair de um local que tinha se tornado hostil para mim.

Lamentavelmente um ano mais tarde, já no Departamento de Sociologia e muito feliz com minha nova vida profissional, me tocou viver o segundo momento verdadeiramente dramático na minha vida, a morte inesperada e dolorosa da minha mãe por um câncer que foi impossível controlar. Ela tinha 76 anos de idade e levava uma vida plenamente ativa.

...

## O RETORNO A CIÊNCIAS HUMANAS.

### 1. O Departamento de Sociologia

No mês de maio de 2012 foi formalizada e efetivada minha transferência para o Departamento de Sociologia e Ciências Políticas. De fato eu já tinha começado a trabalhar nesse Departamento no início do semestre 2012/1, no mês de março. Finalmente as coisas se resolveram, insisto que graças à intervenção de varias pessoas. Reitero meu agradecimento a Gustavo, ao Professor Prata e aos Professores do Departamento de Sociologia e Ciências Políticas, fundamentalmente a meu amigo Raúl Burgos, a Janice Tirelli e a Márcia Grisotti.

A Professora Janice Tirelli, que nesse momento era chefe do Departamento de Sociologia, foi muito gentil, amável e solidária. Auxiliou-me a escolher as disciplinas de graduação que ministraria no primeiro semestre, e mais tarde sugeriu que trabalhe em uma disciplina afim a meu perfil acadêmico *Epistemologia das Ciências Humanas*. Eu gostei muito dessa proposta e assim iniciei, em 2012/2, minhas aulas nessa disciplina que continuo ministrando até hoje. Os colegas do Departamento me receberam muito bem, foram muito atenciosos e amáveis, particularmente o Professor Ricardo Muller, quem em esse momento era coordenador do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Ciências Políticas.

Uma questão muito importante para mim era que esse Programa contava com um grupo de Professores, particularmente a Professora Márcia Grisotti, e com alunos interessados na área de Sociologia da Saúde. Trata-se de uma das subáreas, reconhecida pela CAPES, que integram a grande área de Sociologia.

Desse modo, eu poderia desenvolver diferentes disciplinas na Pós-graduação. Por um lado, poderia abordar temas específicos ou gerais dedicados aos estudos de Michel Foucault, particularmente aqueles referidos aos últimos cursos ministrados no College de France, recentemente publicados. Esses cursos apresentam diferentes questões instigantes para ser exploradas, e permitem sair das clássicas leituras foucaultianas sobre a sociedade disciplinar. Por outro lado, poderia ministrar disciplinas de ciências humanas e saúde o que significava dar continuidade ao trabalho desenvolvido até o momento.

Nos anos 2012 a 2014 ministrei as seguintes disciplinas nos Programa de Pós-graduação em Sociologia Política e no Programa de Pós-graduação interdisciplinar em Ciências humanas: *Tópicos especiais: biopolítica e poder psiquiátrico; Tópicos especiais: Michel Foucault, biopolítica e governamentalidade; Tópicos especiais: biopolítica e gestão de riscos em saúde mental; Teoria social contemporânea; Fundamentos teóricos da Saúde mental*. Algumas dessas disciplinas foram ministradas no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas conjuntamente com a Professora Myriam Mitjavila, sempre abertas para os alunos do Programa em Sociologia Política. *Fundamentos teóricos da Saúde mental*, é uma disciplina obrigatória para os alunos do Mestrado Profissional em Saúde Mental do Departamento de Saúde Pública. Nesse Programa trabalho como professora colaboradora, tenho alguns orientandos, e considero que é um espaço muito enriquecedor, na medida que me permite continuar ministrando aulas para alunos da área de saúde. Também essa disciplina foi aberta aos alunos de sociologia possibilitando um diálogo extremamente enriquecedor em sala de aula entre alunos da área da Saúde e alunos de Ciências Sociais.

Todas as atividades curriculares desenvolvidas entre 2012 e 2014 no Departamento de Sociologia, tanto na graduação como na Pós-graduação, transcorreram sem nenhum tipo de problema. Agora tinha novos colegas, muito atenciosos e respeitosos, e novos alunos que já não tinham a urgência imediata de dar resposta aos problemas cotidianos que surgiam no atendimento médico, na assistência ou nos postos e unidades de saúde. Agora meus alunos dedicavam mais tempo para as leituras, pareciam mais reflexivos e críticos, ainda que, por outra parte eu sentia e sinto até hoje uma enorme falta desse dialogo interdisciplinar que se estabelecia entre as ciências humanas e o mundo cotidiano da saúde.

Coincidentemente, estes dois últimos anos concentraram uma serie muito diversificada e variada de atividades acadêmicas, que tive o prazer de desenvolver, seja a convite de diferentes instituições ou bem como resultado de atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Pesquisa que coordeno- NESFHIS, ou pelos Núcleos de Pesquisa de colegas próximos com os quais trabalhamos em parceria: Marta Verdi, Myriam Mitjavila, Márcia Grisotti.

Dentre essas atividades a mais complicada foi, certamente, a participação como Membro da Comissão Organizadora do “VI Congresso brasileiro de ciências sociais e humanas em saúde”. Esse evento foi organizado pela Comissão de Ciências Humanas e saúde da Abrasco, da qual faço parte, e exigiu periódicas reuniões, muito cansativas que a cada dois meses, que eram realizadas na cidade de Rio de Janeiro. O evento ocorreu na UERJ em novembro de 2013. Foi um evento que teve mais de 1.600 participantes, convidados nacionais e internacionais, 35 grupos temáticos. Foi uma tarefa muito cansativa.

Também participei na organização de outro evento nacional no ano 2012, “13º Seminário nacional História da Ciência e da Tecnologia da SBHC, realizado na USP, São Paulo, entre os dias 03 e 06 de setembro de 2012. Conjuntamente com Marta Verdi organizamos o II Simpósio a vida medicada: biopolítica nos debates contemporâneos, realizado conjuntamente com o Prof. Fernando Hellmann da UNISUL, na cidade de Florianópolis no mês de agosto de 2012. O Simpósio *Desafios da pesquisa interdisciplinar em ciências humanas* também ocorreu em Florianópolis, no ano 2012. Participei como Membro da Comissão organizadora do X Congresso Brasileiro de Bioética, realizado na cidade de Florianópolis no período 23 a 29 de setembro de 2013.

Já como convidada em encontros acadêmicos e eventos gostaria de destacar o convite recebido para participar de dois eventos da Sociedade Ibero-americana de História da Psiquiatria. O primeiro foi em 2012 na cidade de Madrid- Espanha, onde apresentei o trabalho denominado *Clasificaciones, acuerdos y negociaciones: bases de La primera estadística internacional de enfermedades mentales (París – 1889)*. O segundo foi realizado na cidade de México no ano 2014, nesse momento apresente o trabalho denominado: *Los simuladores: José Ingenieros e o problema da degeneração*. Na cidade de Santiago de Chile, fui convidada a ministrar uma palestra sobre o livro Loucos e Degenerados, no ano 2013. Também no Chile, mas na cidade de Valdivia, apresentei o trabalho denominado *El impacto del evolucionismo en la teoría de la degeneración: Emil Kraepelin y la biologización de los hechos sociales*, no V colóquio internacional sobre darwinismo em América y Europa, que ocorreu no mês de outubro de 2013.



Fui convidada também para ministrar uma palestra e participar de uma reunião de trabalho na Universidade Paris Diderot- Centre Canguilhem. Essas atividades se desenvolveram nos dias 4 e 6 de novembro de 2014. Por fim, entre os dias 11 a 15 de agosto de 2014 fui convidada a participar de um evento internacional que foi realizado na Unicamp. O evento denominado *Escola São Paulo de Ciência Avançada em Biotecnologia, Biossociabilidade e Governança das Ciências da Vida*, teve duração de três dias, e recebeu um grupo de 100 alunos, sendo 50 alunos brasileiros e 50 alunos estrangeiros provenientes de diferentes países do mundo, desde Argentina até Japão, Portugal, Colômbia, Espanha e Estados Unidos. Os cursos se desenvolveram em inglês e contaram com a participação de convidados internacionais e nacionais.

Particpei, também como convidada de diversos eventos nacionais, tais como o IV *Congresso Internacional da Rede Latinoamericana y del caribe de bioética*, realizado em Brasília em dezembro de 2012; o IV *Encontro de Filosofia Contemporânea*, realizado na cidade de Londrina, PR, em maio de 2012; o III e o IV *Congresso Brasileiro de Saúde Mental*, realizados respectivamente nas cidades de Fortaleza, em junho de 2012 e na cidade de Manaus, em setembro de 2014, ambos organizados pela ABRASME (Associação Brasileira de Saúde Mental vinculada à ABRASCO) . Particpei também como convidada do III *Congresso Sul-Brasileiro de Medicina de Família e Comunidade*, realizado em abril de 2012, onde apresentei um trabalho sobre a medicalização do sofrimento. Particpei de duas mesas redondas com as palestras intituladas *Biopolítica e medicalização do sofrimento* e *O aborto não é crime*, no X Congresso Brasileiro de Bioética realizado em setembro de 2013. Em Argentina, em setembro de 2013, ministrei a conferencia *Georges Canguilhem, del cuerpo subjetivo a la localización cerebral*, na Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires. Na Universidade Federal da Bahia- Salvador, ministrei duas Conferencias: *Biopolítica e Saúde Mental* no Congresso Nacional de Filosofia e *Uma reflexão epistemológica acerca dos conceitos fundamentais do campo da saúde* no colóquio de educação superior em Saúde- UFBA, ambas atividades desenvolvidas no mês de outubro de 2013.

Destaco outras atividades desenvolvidas, no período de 2012 a 2014, que considero importante acrescentar a este Memorial. Uma dessas atividades foi minha participação como Membro da Comissão Julgadora do Concurso de Habilitação à Livre-Docência do Prof. Dr. Carlos Botazzo, na Universidade de São Paulo (USP) no mês de



agosto de 2012. Outras atividades importantes desenvolvidas no período foram os convites recebidos para participar como Professora Visitante, por um período de uma ou duas semanas, em duas Universidades de América Latina, a *Universidad Nacional de Colombia – Medellin* e a *Universidad Nacional de Rosario*, como será relatado nas últimas páginas deste Memorial.

Apondo, por fim, a organização de uma série de eventos sobre medicalização da vida que se sucederam nestes anos. O *II Simpósio A vida Medicalada* foi organizado conjuntamente com os professores: Marta Verdi, Selvino Assmann (DICH-UFSC), Myriam Mitjavila (DICH-UFSC) e Marcia Grissotti. O evento teve um dia de duração, foi realizado no auditório da UNISUL (sede-centro) e contou com a participação de dois convidados nacionais, Marcos Nalli (UNESP) e Cesar Candioto (PUC-PR), e dois convidados internacionais, Angel Martinez Hernández (Tarragona-Espanha) e Edgardo Castro (UBA). O resultado desse Simpósio foi publicado no Dossier “A biopolítica e a medicalização da vida” da Revista *Interthesis* V.9 nro12. O *III Simpósio* foi organizado em fevereiro de 2014 sob a forma de um Workshop, contamos com a participação de dois Professores de França, ambos do Centre Canguilhem, Claude Oliveier Doron (Paris Diderot) e Jean-Christophe Coffin (paris VII), além de conferências ministradas pelas professoras Myriam Mitjavila, Marcia grissotti, Marta Verdi e Sonia Maluff da UFSC. Os trabalhos apresentados nesse Workshop, acrescentando artigos de Professores convidados como Luis Castiel, Sahra Gibbon e Marisa Miranda, deu lugar a um Dossier sobre biopolítica e Medicalização da Revista *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*.

Explicito a seguir as Teses e Dissertações defendidas por meus orientandos no período compreendido entre 2012 e 2014:

### **Teses de Doutorado**

Valquiria Ferreira Bezerra Barbosa. *O Dispositivo de segurança-Transversalidades discursivas referentes à problemática do risco na psiquiatria brasileira*. 2014. Tese defendida no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Fabiola Stolf Brzozowski. *Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade desde 1950*. 2013. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de Santa Catarina.

Ana Cristina Costa Lima. *Normalidade e patologia na psiquiatria e na psicanálise: o papel dos periódicos científicos brasileiros*. 2012. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina.

#### **Dissertações defendidas**

Patricia Kozuchovski Daré. *Análise das estratégias de cuidado ao indivíduo com diagnóstico de depressão na rede de atenção primária de saúde*. 2013. Dissertação (Mestrado Em Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

Zacarias Mangini. *Condicionantes relacionados ao uso crônico de clonazepam no brasil: uma história de vida*. 2013. Dissertação (Mestrado Em Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

Ana Caroline Welter. *Análise das narrativas de usuários de benzodiazepínicos sobre seus usos e seus efeitos*. 2012. Dissertação (Mestrado Em Saúde Pública) - Universidade Federal de Santa Catarina

#### **Orientação de Trabalho de Conclusão de curso de Graduação**

- João Matheus Acosta Dallmann: *O Malestar que eu sinto: A medicalização do sofrimento em camadas populares*. Graduação em Sociologia e Ciências Políticas- UFSC. Dezembro 2013

#### **Supervisão de Pós-doutorado**

- REBELO, Fernanda . 2012. Supervisão de Pós-doutorado no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal de Santa Catarina.
- OLINTO, Beatriz. 2013. Supervisão de Pós-doutorado no Departamento de Sociologia e Ciências Políticas (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina

Elenco a seguir a produção científica realizada no período de 2012 a 201,. Os estudos realizados neste período fazem parte de projetos que estão ainda em processo de conclusão, eles serão agrupados aqui sob o nome de:

**Estudos genealógicos VI: Biopolítica, historia da psiquiatria e psiquiatrização da infância.**

Estes estudos que foram organizados por ordem cronológica, não respondem todos à denominação “Estudos genealógicos”, porém, todos eles estão de um modo ou outro vinculados com a problemática da psiquiatrização da vida. Destaco, por fim, que foram excluídos desta lista os escritos diretamente atrelados com o trabalho realizado no Pós-doutorado Sênior. Esses escritos (publicados na Revista Frenia, na Revista Dynamis, assim como o Capítulo de Livro publicado pela Editora de Dijon), já foram enumerados no apartado denominado **Estudos genealógicos V**, apresentado no capítulo anterior.

### Artigos completos publicados em periódicos

MANGINI, Z., CAPONI, S. *Condicionantes relacionados ao uso crônico de clonazepam no Brasil: uma história de vida*. Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas (Online). , v.15, p.117 - , 2014.

CAPONI, S. *Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo*. Cadernos IHU Idéias (UNISINOS). , v.12, p.3 - , 2014.

HELLMAN, F., CAPONI, S., VERDI, M. *Putting patients first? Reflections concerning the 'Consensus Framework for Ethical Collaboration'*. Indian Journal of Medical Ethics. , v.XI, p.260 - 261, 2014.

HELLMAN, F., CAPONI, S., VERDI, M. *50th Anniversary of the Declaration of Helsinki: The Double Standard Was Introduced*. Archives of Medical Research. , v.45, p.600 - 601, 2014.

BITTENCOURT, S., CAPONI, S., MALUF, S. *Farmacologia no século XX: a ciência dos medicamentos a partir da análise do livro de Goodman e Gilman*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Impresso). , v.20, p.499 - 520, 2013.

CAPONI, S., HERNAEZ, A. *Kraepelin, el desafío clasificatorio y otros enredos anti-narrativos*. Scientiae Studia (USP). , v.11, p.467 - 489, 2013.

CAPONI, S. *La finitud y los límites del sufrimiento humano: una lectura de Amour de Michael Haneke*. Revista Chilena de Salud Pública. , v.17, p.298 - 306, 2013.

BRZOZOWSKI, F., CAPONI, S. *Medicalização dos desvios de comportamento na infância*. Psicologia: Ciência e Profissão (Impresso). , v.33, p.208 - 221, 2013.

BITTENCOURT, S CAPONI, S. *Medicamentos antidepressivos: inserção na prática biomédica (1941 a 2006) a partir da divulgação em um livro-texto de farmacologia*. Mana (UFRJ. Impresso). , v.19, p.219 - 247, 2013.

CAPONI, S. *Quetelet, el hombre medio y el saber médico*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos (Impresso). , v.20, p.830 - 847, 2013.

CAPONI, S. *Resenha: Categoria vida: reflexões para uma nova biologia*. Cadernos de Saúde Pública (ENSP. Impresso). , v.28, p.2402 - 2406, 2012.

BRZOZOWSKI, F., CAPONI, S. *Determinismo biológico e as neurociências no caso do transtorno de déficit de atenção com hiperatividade*. Physis (UERJ. Impresso). , v.22, p.941 - 961, 2012.

CAPONI, S., ASSMAN, S. *Editorial e organização do Dossier- A biopolítica e a medicalização da vida*. INTERthesis (Florianópolis). , v.9, p.1 - , 2012.

CAPONI, S, VÁSQUEZ, M.F. *Editorial e organização do Dossiê: Biopolítica, Saúde e Gestão de Riscos-* In Cadernos de pesquisa interdisciplinar em Ciências humanas. V. 15, n. 107 (2014).

### **Livros publicados**

CAPONI, S. *Loucos e Degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada*. Rio de Janeiro : Fiocruz, 2014, v.1. p.209.

CAPONI, S., VALENCIA, M., ASSMANN, S., VERDI, M. *A Medicalização da vida como estratégia biopolítica*. São Paulo : LiberArs, 2013, v.1. p.137.

CAPONI, S. *Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada*. Rio de Janeiro : Fiocruz, 2012, v.1000. p.210. (já mencionado anteriormente, porem diretamente vinculado a esta linha de estudos).

### **Capítulos de livros publicados**

CAPONI, S. *Clasificar y medicar: la gestión biopolítica de los sufrimientos psíquicos* In: *Biopolíticas, gobierno y salud pública Miradas para un diagnóstico diferencial*. 1 ed. Santiago de Chile : Univ. de Chile e Editora Ocho libros., 2014, v.1, p. 154-173.

CAPONI, S., VERDI, M., BARBOSA, V. SANTOS, M. *Contribuições da Abordagem Interdisciplinar às Pesquisas no Campo da Saúde Mental* In: *INTERdisciplinariedade, Teoria e prática*. 1 ed. Florianópolis : UFSC/EGC, 2014, v.2, p. 383-404.

CAPONI, S. *El impacto del evolucionismo en la teoría de la degeneración: Emil Kraepelin y la biologización de los hechos sociales . .* In: «YAMMERSCHUNER» *Darwin y la darwinización en Europa y América Latina*. 1 ed. Madrid : Ediciones Doce Calles, 2014, p. 93-98.

POLI NETO, P., CAPONI, S. *La medicina de Familia y comunidad*

como (sub) cultura In: (Sub) culturas profesionales: Poder y prácticas en salud.1 ed.Buenos Aires : Miño y Dávila, 2013, v.1, p. 91-109.

CAPONI, S. *Sobre a gestão biopolítica dos sofrimentos psíquicos leves*. In: A Medicalização da vida como estratégia biopolítica.1 ed.São Paulo : LiberArs, 2013, v.1, p. 103-123.

TIBOLA, J., CAPONI, S., BRZOZOWSKI, F.A *pesquisa com medicamentos um estudo de casoem estudo multicentrico com crianças e adolescentes* In: Bioética e Saúde Coletiva.1 ed.Florianópolis : Dioesc, 2012, v.1, p. 213-233.

CAPONI, S. *A Biopolitica: entre as ciências da vida e a gestão das populações* In: Bioética, poderes e Injustiças- 10 anos depois.1 ed.Brasilia : Catedra Unesco, 2012, v.1, p. 87-108.

CAPONI, S.*Degeneração e eugenia na história da psiquiatria moderna* In: Identidades emergentes, genética e Saúde.1 ed.Rio de Janeiro : Garamond e Editora Fiocruz, 2012, v.1, p. 31-52.

CAPONI, S. *Prefacio a: Das Loucuras da Razão ao sexo dos anjos*. In: Das loucuras da Razão ao sexo dos Anjos ed.Rio de janeiro : FIOCRZ, 2011

O livro “Loucos e degenerados” foi traduzido ao espanhol, atualmente encontra-se no prelo uma Edição em espanhol deste livro que será publicada pela Ed. Lugar de Buenos Aires.

No ano 2013 foi aprovado por CNPq com Bolsa PQ 1-D (início em 2/3/2013) um projeto de pesquisa que está ainda em andamento. Esse projeto denomina-se *Classificar e Normalizar: A configuração das classificações estatísticas internacionais de transtornos mentais (1889-1952)*. O objetivo deste projeto é realizar um estudo histórico sobre as condições discursivas e institucionais que possibilitaram que, na segunda metade do século XIX, pudesse surgir a ambição de criar uma classificação psiquiátrica universalmente aceita por todos os países do mundo.

Essa ambição classificatória, que se mantém viva até hoje, parte da certeza de que é possível criar categorias objetivas e universalmente aceitas de patologias mentais, do mesmo modo que ocorre com as taxonomias de doenças orgânicas que existem no campo da medicina geral. No entanto, as dificuldades para achar uma classificação unificada de patologias psiquiátricas permanecem até hoje, como mostram as críticas

que, dentre muitos outros, o próprio chefe do grupo de tarefas do DSM IV (Quarto Manual de diagnóstico e estatística de transtornos mentais) dirige aos atuais esforços destinados a revisar as categorias utilizadas para criar a nova classificação proposta no DSM V em maio de 2013. O objetivo deste projeto é analisar as condições históricas, discursivas e institucionais, que possibilitaram a configuração da primeira classificação estatística universal de transtornos mentais (França-1889) e as posteriores alterações do Manual de Diagnóstico e Estatística de Transtornos Mentais- DSM.

## 2. O NESFHIS e os vínculos institucionais

O *Núcleo de Estudos em Sociologia, Filosofia e História das Ciências da Saúde- NESFHIS* surgiu com o objetivo de instituir um espaço de problematização e de discussão para incentivar e fundamentar reflexões sociológicas, epistemológicas e históricas relativas às Ciências da Vida e da Saúde.

O grupo se articula fundamentalmente entorno aos seguintes eixos temáticos: 1) estudos de sociologia das ciências, particularmente de sociologia das ciências da saúde, centrados em temas como processos sociais de medicalização, indústria farmacêutica, 2) estudos históricos epistemológicos das ciências da saúde e da vida tais como filosofia e história da biologia, da microbiologia, das neurociências, o nascimento da medicina social, do hospital e da psiquiatria, 3) estudos de bioética referidos à pesquisa científica e também a questões do cotidiano em saúde, 4) estudos de Filosofia das Ciências da vida e da saúde onde são tematizados, de uma perspectiva histórica, os conceitos de saúde-doença, normalidade-patologia, desigualdade-iniquidade, contágio, epidemias, risco, etc.

O grupo vem trabalhando com a tentativa de atingir objetivos acadêmicos e institucionais. Auxiliar na formação de mestrandos e doutorandos e estabelecer intercâmbios com outros grupos e núcleos de pesquisa.

Em dezembro de 2013 foi aprovado por CNPq um projeto que nucleia os trabalhos da maior parte dos membros do Núcleo de pesquisa NESFHIS aprovado por CNPq com Auxílio (edital Universal). O projeto coletivo denomina-se *Prevenir e medicar: Uma abordagem sócio-histórica à medicalização de transtornos mentais na*

*infância*. Iniciamos os trabalhos vinculados com esse projeto em março de 2014. Esse estudo coletivo tem a proposta de realizar uma análise sociológica referida aos argumentos, conceitos, teorias, dificuldades e certezas a partir dos quais foram construídos os saberes utilizados pelos defensores da medicalização e “detecção precoce” de patologias psiquiátricas na infância, centrando-nos fundamentalmente nas patologias consideradas de maior prevalência no Brasil: TDAH e dislexia. Ao mesmo tempo, este projeto propõe-se a pesquisar os mecanismos e técnicas (testes, questionários, observação de sintomas), efetivamente utilizados para atingir esse objetivo de prever e identificar supostos transtornos do comportamento e da aprendizagem em crianças do ensino fundamental. Por fim, pretende gerar um espaço de interação e troca com pesquisadores brasileiros e estrangeiros interessados em discutir os limites e dificuldades existentes no processo de medicalização da infância.

Existem intercâmbios dentro da UFSC com Núcleos dos Departamentos de Saúde Coletiva, Filosofia e História, assim como também com o Núcleo ECCOS de Sociologia e saúde. Fora da UFSC temos estreitas parcerias com instituições como o Centre Canguilhem (Paris VII), Pós-graduação em Antropologia Médica (Univ. Rovira e Virgili- Tarragona-Espanha), Universidad Nacional de Colombia (Medelhin), Universidade Nacional de Santiago de Chile, Universidade Nacional de Rosario e Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales (Paris-França).

Nos anos que trabalhei no Centro de Ciências da Saúde tive a oportunidade de ter intercâmbios extremamente frutíferos com outros colegas da UFSC, particularmente com colegas que participam do Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, dentre eles destaco minha proximidade com os Professores Joana Pedro, Sonia Maluf, Luzinette Minela, Mara Lago, Selvino Asmann e Teresa Kleba, além de estabelecer uma colaboração mais estreita com a Professora Myriam Mitjavila com quem já dividimos diversas vezes disciplinas, orientações e outras atividades.

Fora da UFSC os vínculos anteriormente existente se consolidaram, e novos vínculos foram criados a partir de encontros em diversos Eventos, Congressos e também de participação em bancas de defesa de doutorado ou mestrado, realizadas em



instituições de reconhecido prestígio como UNICAMP, USP, COC-FIOCRUZ, ENSP-FIOCRUZ, UFBA, IMS-UERJ, UNISINOS, dentre outras.

Dentre esses vínculos com colegas brasileiros cabe destacar algumas pessoas que me acompanharam durante muitos anos, verdadeiros parceiros e amigos com os quais foi possível estabelecer vínculos acadêmicos de solidariedade e confiança. Sem dúvida o Professor Luis David Castiel tem sido meu colega mais próximo fora da UFSC. Já participamos inúmeras vezes de bancas de alunos de um e outro, de Eventos organizados seja na Fiocruz, na UFSC ou em outras instituições. Em relação ao Professor Castiel meu vínculo é de um profundo respeito e reconhecimento por seu trabalho. Todos seus estudos dedicados à problemática do risco e sua crítica dirigida à medicina baseada em evidências constituem para mim um marco de referência iniludível. O modo que tem de percorrer textos acadêmicos, relatos literários e filmes, sempre com o mesmo rigor analítico é um modelo que tem me auxiliado muito nas pesquisas e aulas. Tive o prazer e a satisfação de realizar o Prefácio de seu último livro e tive também a honra de que ele prefaciara meu livro “Loucos e degenerados”.

Outros nomes iniludíveis são o de Jaime Benchimol, Ana Venancio e Flavio Edler, da Casa Oswaldo Cruz, Fiocruz. Esses historiadores da ciência foram permanente referência para meus trabalhos, Benchimol, Edler e também Magali para os estudos sobre medicina tropical e Ana Venancio e Cristiana Fachineti para meus trabalhos dedicados a história da saúde mental. No campo da Bioética que foi sempre um interesse paralelo ao da história genealógica dos saberes, devo destacar a importância fundamental do meu vínculo com o Professor Volnei Garrafa da UNB. Com o Professor Garrafa compartilhamos inumeráveis espaços de encontro e discussão, participamos de bancas de nossos alunos, ditamos conferências aqui e ali, um a convite do outro e também publicamos capítulos de livro nas mesmas coletâneas.

Em relação aos meus colegas do Instituto de Medicina Social da UERJ gostaria de destacar três nomes: Kenneth Camargo com quem me une uma amizade de muitos anos e com quem mantemos um estreito vínculo acadêmico, Francisco Ortega, também um Foucaultiano que entrou no campo da saúde, e Rafaela Zorzonelli, com quem tenho um vínculo mais recente, porém, acredito que existe um mútuo reconhecimento que se traduz em reciprocidade acadêmica.



Finalmente gostaria de destacar o nome de Leny Trad com quem colaboramos estreitamente na Coordenação da área de Ciências Humanas e saúde da Abrasco (Associação Brasileira de Saúde Coletiva), ela como coordenadora e eu como vice-coordenadora adjunta. Leny é Doutora em sociologia e Professora na Universidade Federal da Bahia e com ela realizamos varias atividades como organização de eventos, participação em bancas, projetos de pesquisa, etc. Com alguns desses colegas organizamos os seguintes eventos nos anos 2011 a 2013:

Trad, L. Caponi, S, Pinhero, R. *V Congresso de Ciências Humanas e Saúde da ABRASCO*, 2011. (Organização de evento)

Caponi, S., Assman, S. J, Verdi, M. *Simpósio: Biopolitica e medicalização da vida*, 2012. (Organização de evento)

Edler, F., Caponi, S. Organização de GT: "*O físico, o mental e o moral na história dos saberes médicos e psicológicos*". Em 13 Seminário de História da Ciência e da Tecnologia da SBHC, 2012. (Organização de evento)

Camargo, K., Trad, L., Caponi, S.. *VI Congresso de ciências Humanas e Saúde* da Abrasco, 2013. (Congresso, Organização de evento)

Schlemper, B., Verdi, M., Caponi, S. *X Congresso Brasileiro de bioética*, 2013. (Organização de evento)

No âmbito dos vínculos acadêmicos internacionais devo apontar que em fevereiro de 2014 foi aprovado pela instituição francesa denominada Pre-Sorbonne-Paris, que agrupa diversas Universidades de Paris, um projeto realizado conjuntamente com o Prof. Olivier Doron, da Universidade Paris-Diderot. Essa proposta deu lugar a uma missão financiada por essa Instituição para custear a visita de dois pesquisadores do Centre Canguilhem: os Professores Claude-Olivier Doron e Jean- Christian Coffin. Eles realizaram um estagio de 10 dias na UFSC, participando do Workshop *Biopolitica e saúde mental* organizado pelo grupo de pesquisa que coordeno, e contando também com a colaboração dos Núcleos de pesquisa das Professoras Marta Verdi, Myriam Mitjavila, Sonia Maluf e Marcia Grisotti.

Alem dos vínculos com a França já relatados no corpo deste memorial, foram estabelecidas sólidas parcerias com Espanha e América Latina. No caso da Espanha, a Universidade de Rovira e Virgili, particularmente pela mediação do Professor Angel Martinez Hernaes, tem sido um permanente espaço de interlocução e diálogo. O professor Martinez foi Professor Visitante no Departamento de Saúde Pública no ano 2011, alem disso já faz tempo que ele participa de diversos eventos organizados em Florianópolis vinculados a nosso Núcleo de Estudos, assim como de diversas bancas de defesa de Mestrado e Doutorado.

O Professor Angel publicou diversos capítulos de livro em coletâneas organizadas por nosso grupo. Ele possibilitou a realização de estágios de doutorado *sandwich* em sua instituição, onde dois dos meus orientandos realizaram parte de seus estudos de doutorado: Paulo Poli e Fernanda Martinhago, ela está realizando um doutorado com dupla titulação, UFSC e Rovira e Virgilia. Alem de ter sido convidada para ministrar uma palestra em sua instituição, publicamos um artigo em coautoria, na Revista *Scientiae Studiae* do Departamento de Filosofia da USP, no ano 2013. O texto já mencionado acima se denomina: *Kraepelin, el desafío clasificatorio y otros enredos anti-narrativos*.

Também em relação a Espanha gostaria de destacar os vínculos realizados com os Professores Rafael Huertas e Ricardo Campos, ambos colegas, conjuntamente com a Professora Ana Venancio da Fiocruz e a Professora Christina Sacristán da Unam-México, da Rede Ibero americana de História da Psiquiatria. Essa rede possui um site de divulgação das atividades realizadas na área, organiza a cada dois anos um Simpósio sobre Historia da Psiquiatria e está vinculada com a publicação da Revista *Frenia*, uma das revistas de historia da psiquiatria mais reconhecidas em língua espanhola.

De igual modo, em diferentes momentos da minha carreira docente foram tecendo-se sólidos vínculos com colegas de América Latina. Particularmente no caso de Argentina devo destacar os fluidos contatos existentes com pesquisadores da *Universidad Nacional de Rosario*, como as professoras Alicia Gonzales Saibene e Marisa Germain. No ano 2011, após meu retorno do Pós-doutorado fui convidada a ministrar uma disciplina concentrada para o Programa de Doutorado em Ciencias Políticas da Universidad Nacional de Rosario

**Universidad Nacional de Rosario – UNR-** Vínculo institucional- Professor convidado para ministrar o Ciclo de Conferencias: *Biopolítica dos comportamentos e sofrimentos psíquicos*. 3-5 de outubro de 2011 e 23-15 de novembro de 2011.

Foram estabelecidos também vínculos institucionais sólidos com a Universidad Nacional de Santiago de Chile, particularmente com os professores Jury Caravajal e Miguel Kottow; com a professora Elisabeth Ortega da Universidad de la República, Uruguai; com o Prof. Carlos Lopez Beltrán e com a Professora Silvana Rabinovich da UNAM, México DF.

Porem, os contatos mais fluidos envolvendo alunos e docentes realizados com América Latina, foram com a Universidad Nacional de Colombia, Sede Medellín, particularmente com a equipe coordenada pelo Professor Jorge Marquez Valderrama. Em essa Universidade, a convite do Professor Valderrama, ministrei dois Seminários

**Universidad Nacional de Colômbia - Sede Medellín – Unalmed. Vínculo institucional:** Professor convidado. Disciplina concentrada (uma semana). Tema: Para uma genealogia da psiquiatria moderna, carga horária: 40 horas. Novembro de **2009**.

**Universidad Nacional de Colômbia - Sede Medellín – Unalmed. Vínculo institucional:** Professor convidado. Disciplina concentrada (uma semana). Tema: Para uma genealogia da psiquiatria moderna, carga horária: 40 horas. Outubro de **2012**.

Em esse marco pretendo dar continuidade a minha trajetória acadêmica, no Departamento de Sociologia e Ciências Políticas da UFSC, agora como pesquisadora Pq 1D de CNPq. Como sempre, continuarei dividida entre o desejo de voltar para os velhos temas – os velhos projetos inacabados e os arquivos já coletados, mas ainda não explorados– e minha vontade irresistível de abrir novos temas e novos caminhos de pesquisa. Sei que essa nunca deixará de ser, para mim, uma tarefa prazerosa. Sempre me seduz o desafio quase lúdico que cada pesquisa apresenta, ainda que esteja inevitavelmente associado a tarefas acadêmicas de rotina, muito menos gratas, mas que também fazem parte do cotidiano de todo Professor Universitário.

